

REVISTA MENSAL

Ave

ANO 105

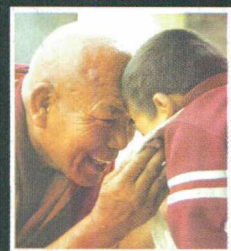
R\$ 2,50

JUNHO 2003

MARIA



MOMENTO ÚNICO
NA HISTÓRIA



MESA
GLOBAL

VEM ESPÍRITO,
VIDA!



Feira de quem Faz

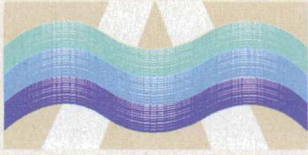
1º de junho

Dia Mundial das Comunicações Sociais

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL A SERVIÇO
DA PAZ AUTÊNTICA À LUZ DA "PAZ NA TERRA"



Num mundo obscurecido pela violência e pelas indiferenças, as comunicações têm um papel muito importante de transmitir a esperança e se fazer cumprir o papel da paz e da justiça em favor de toda a humanidade, movendo as nações com seus povos a se unirem em busca da paz e da autêntica luz da "Pacem in terris". Quando os continentes se unirem em massa à conscientização de um futuro melhor para a humanidade, aí, sim, surgirá a verdadeira luz, uma boa terra, uma terra cujas nações estarão de mãos dadas, sem preconceitos, sem interesses pessoais, sem fome, sem discriminação.



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregianin

Administração: Nestor A. Zatt

Supervisor Geral: Hely Vaz Diniz

Equipe de redação: Avelino S. de Godoy;

Eduardo Russo; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Antônia Portero Simon e

Avelino S. de Godoy.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 636, 1º andar.

Tel: (011) 3666-2128 e 3823-1060

Cxa. Postal 1.205 - CEP 01059-970 - São Paulo, SP.

Impressão: Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP. Bairro do Gramado, CEP 06835-300 — www.avemaria.com.br

A assinatura pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado em nome de **Ação Social Claretiana** — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades em domicílio; nas demais, as renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

Assinatura anual: R\$ 25,00.

Ligue grátis: 0800-555-021

Fax: 3826.7016

Ave Maria na internet:

www.avemariainternet.com.br

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@avemariainternet.com.br

assinaturas@avemariainternet.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela *Revista Ave Maria* a todos os seus representantes legais.

COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Rejane Mohelecke; Osanir Mendes dos Santos; Alice Ferreira Reis, SP; Sérgio Pierozan, SP e GO; Benedito Carlos Câmara, SP; Jesus Macedo, SP; Mauro Donizeti Câmara, SP; Dideró Ribeiro, Marília, SP; Benedito Vaz Neto, MG; Edson Nunes de Moraes, MG; Gilmar Diniz Silva, MG; Palmira Farias, Cordeirópolis, SP; Luzia Brancatti Stephaneli, Piracicaba, SP; Andréia Maria Ferreira Reis, Rio Claro, SP.

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Lembre-se de que é importante manter sua anuidade em dia. Se V.Sa. tiver dúvida quanto à data do vencimento, ligue a cobrar para a *Revista Ave Maria* 0800-555-021 ou (90 ___ 11) 3666-2128

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários teológico-bíblicos diários sobre as leituras bíblicas das missas na internet:

www.claretianos.com.br

www.avemariainternet.com.br



Pão e espírito

Junto à porta da igreja, conforme se aproxima o horário das missas, vai aumentando o número de mendigos pedintes. Todos já conhecidos. Sistemáticamente, ali se postam, acreditando na sensibilidade dos fiéis. Alguém pergunta, em tom de julgamento: essa gente não gosta de trabalhar?... O grupo é composto de pessoas de todas as idades, homens e mulheres, mas a maioria é de idosos ou com deficiência, ou ainda, vítimas do alcoolismo.

Não existe resposta fácil para a multidão de brasileiros que, a despeito de olhares com censura, arriscam-se a pedir esmola, para seu pão-de-cada-dia. Eles sabem que não morrerão de fome: sempre alguém vai se compadecer.

O desafio, porém, é grande. De que forma dar chance a essa gente para que possa valorizar-se como pessoa pelo trabalho? Que apoio pode ser dado? Que oportunidades podemos criar? Dentre os mendigos com quem nos deparamos, freqüentemente, para quais e para quantos deles nos disporíamos a dar emprego? Para nós, a dificuldade é tão grande quanto para eles saírem de sua situação sozinhos, sem ajuda de ninguém. Não é uma questão de má vontade, mas das pessoas desconhecerem como fazer e com quem contar (instituições de governo ou não) para criar, organizar e executar projetos que visem à diminuição da mendicância e a novas condições de vida digna.

– Neste número, a *revista Ave Maria* apresenta uma experiência que está dando certo. O projeto é resposta concreta a necessidades de trabalho. Em "Feira de quem Faz" (p.10), a reportagem de Eduardo Russo e Adelino Dias Coelho mostra essa iniciativa exemplar de apoio, também a idosos, que querem "andar com as próprias pernas" e gerir seu negócio.

– Na seção *Palavra do Papa* (p.6), intitulada "Paz verdadeira", João Paulo II insiste: é no íntimo de cada um de nós, no coração, que começa o processo de paz, com o qual vencemos o ódio, o rancor e a inveja, apoiando-nos na verdade, na justiça, no amor e na liberdade.

– Duas festas religiosas importantes acontecem em junho: "Corpus Christi" e Pentecostes. Uma e outra celebram a presença do Espírito de Deus que une, no amor, a comunidade cristã e lhe dá um corpo, o Cristo na sua Igreja. – O artigo "Vem Espírito, Vida!" (p.8), de José C. R. Garcia, ensina que a Igreja se movimenta pela força do Espírito. Isto significa que as comunidades dos cristãos realizam-se de fato, enquanto espelham a face de Deus. O resultado é sempre o amor fraterno, a caridade.

– No artigo "Fé no *Corpus Christi!*" (p.9), pe. Zezinho lembra que nosso corpo é templo do Espírito Santo. Essa consciência nos ajuda a viver como criaturas voltadas para o bem. O corpo de Jesus, mesmo sacrificado e morto, foi protegido pelo Espírito Santo e, por isso, ele ressuscitou.

– A mística cristã não pode perder de vista que a história é um processo evolutivo. A humanidade cresce em número e em desequilíbrios. Hoje, o "mundo dos pobres" é o grande desafio. O artigo "Direitos Humanos: a terceira onda" (p.13), de João B. Libânio, ajuda-nos, como Igreja, a sustentar, com o espírito de Cristo, o compromisso de *estabelecer o reino de Deus* (LG, 6), isto é, zelar pela dignidade de todos, pois *formamos um só corpo* (1Cor 12,13).

P.C.G.



Novo presidente da CNBB



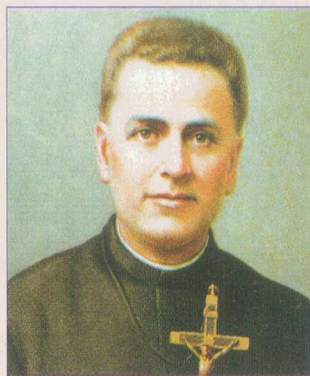
Brasília, 5/5. D. Geraldo Majella Cardeal Agnelo é o novo presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB. Eis suas primeiras palavras após a eleição: “Em primeiro lugar, quero agradecer a d. Jayme por estes oito anos em que estive à frente da CNBB, completando o mandato de d. Lucas Moreira Neves, e depois, eleito por mais quatro anos. Ele contribuiu muito com a entidade. Foi um trabalho metódico, um trabalho paciente, que procurou criar comunhão, neste colégio episcopal numeroso, como é o do Brasil. Sinceramente, sempre tive o maior orgulho de pertencer a esta Conferência. São 25 anos. Mesmo no período em que estive em Roma, sete anos e meio, sentia muita saudade da Assembléia Geral dos Bispos que é um momento de muita fraternidade momento de muita troca.

São dez dias preciosos que passamos aqui em Itaici. Quero dizer que aceito com muita simplicidade esta indicação dos bispos. Que é que vou fazer? Quero contribuir para que a caminhada prossiga.

Não é o presidente que faz sozinho. Ele está apenas com os seus irmãos a quem ele representa. Ele é um executor da própria Assembléia Geral dos Bispos. Nós estamos aqui, este ano, trabalhando sobre as diretrizes da CNBB para este novo quadriênio que se inicia e a presidência da CNBB é uma executora. Não estamos legislando, mas nós somos executores de um plano de pastoral de diretrizes muito precisas da Assembléia Geral. Eu peço a Deus, de quem procede toda vocação, todo chamamento, toda missão, que nos dê a mim e a meus irmãos da Presidência a sabedoria que vem de Deus; que nos dê muito amor à causa do Evangelho, a Cristo Jesus de quem somos anunciadores do evangelho que é a esperança para o mundo. O que nós fazemos, a cada ano, na época da Páscoa, é justamente, pregar a nova criatura que devemos ser, enquanto isso não acontecer, nós vamos ter sempre muitas guerras, muitos desencontros, muita violência, muito ódio. Só de Deus é que vem essa pregação de amor, de perdão, de misericórdia, de solidariedade e fraternidade”.

Como vice-presidente a assembléia escolheu d. Antônio Celso de Queiroz, bispo de Catanduva, SP.

“O Santo”



Santiago do Chile, 24/4. Em 14 de maio de 1904, falecia, em Carrizal Alto, perto de Freirina, Chile, o pe. Mariano Avellana, conhecido em boa parte do país como “o santo”. Acabara sua vida como o pedira ao Senhor: num hospital de pobres, e como um deles.

Pregou no Chile mais de 700 missões, entre pescadores, camponeses e operários; sobretudo, entre mineiros e ferroviários dos pampas do norte; no meio dos enfermos prostrados e presos “jogados” nos cárceres.

Foi missionário, durante 30 anos, naquelas terras, após ter chegado, em 1873, da Espanha, como um jovem sacerdote, incorporado, havia três anos antes, à Congregação de Missionários, fundada por Santo Antônio María Claret. No próximo ano fará cem anos da “páscoa” — ou passagem — do pe. Mariano para a vida eterna. Cem anos

nada obscuros para sua memória. Porque sua fama popular de santidade foi reconhecida, passo a passo pela Igreja, no severo e longo processo estabelecido para reconhecimento de suas virtudes heróicas.

Um de seus pontos altos foi em 23 de outubro de 1987, quando o papa João Paulo II declarou “venerável” o insigne missionário, cujos restos mortais descansam, agora, em lugar de destaque, na basílica mãe dos claretianos do Chile. Lá, esperam que a fé de seus devotos logre do Senhor os dois milagres que permitam, respectivamente, sua beatificação e posterior canonização.

III Mutirão Brasileiro de Comunicação



Salvador, BA, 5/5. A inscrição para o III Mutirão Brasileiro de Comunicação, que acontecerá de 13 a 19 de julho, em Salvador, Bahia, já começaram e podem ser feitas por meio de preenchimento das fichas existentes nas dioceses, paróquias, comunidades e organizações de todo o Brasil e seu envio pelo correio pos-

tal e também pela internet, nos sites da UCBC www.ucbc.org.br e da Arquidiocese de Salvador www.arquidiocesosalvador.org.br.


As duas edições anteriores do Mutirão foram em Belo Horizonte, 1998 e em São Paulo, 2000. A experiência é muito rica, pela qualidade de seminários, discussões nas oficinas e grupos de trabalhos. Ressalta-se ainda a troca de experiências entre os comunicadores de todos os pontos do país. Em 2003, o tema do Mutirão será "Comunicação para outra ordem social".

O III Mutirão Brasileiro de Comunicação está sendo promovido pela UCBC, CNBB, OCIC, UNDA e RCR. O evento está sendo realizado pela Arquidiocese de São Salvador.

Igreja da Indonésia usa internet

Jakarta, 5/5 - Para comunicar, instruir, trocar experiências na Indonésia, ao longo de seus 5.000 km de arquipélago, a Igreja local escolheu como meio a informação à distância via e mail. Os beneficiários são católicos de algumas dioceses do Kalimantan, na grande ilha do Bornéu, Indonésia, que começaram um programa de dois anos para se tornarem professores de religião em institutos católicos e escolas públicas, bem como catequistas nas paróquias.

Católicos do Brasil em 2010

Itaici, SP, 5/5 - O número de católicos no Brasil encontra-se em queda acentuada, prevendo-se que 1 em cada dez católicos abandone a Igreja até 2010. Os Bispos brasileiros confirmaram durante a 41ª Assembléia Anual da Conferência Nacional de Bispos do Brasil a informação lançada pelo semanário "Isto é", com a divulgação do "Atlas Religioso". Segundo o CERIS (Centro de Estatísticas Religiosas e Sociais), caso os números continuem a avançar como nos últimos anos, os Católicos representarão 65% da população brasileira em 2010. Em 2000, os católicos representavam 74% da população, o que implica uma diminuição de quase 10%. Na conferência de Imprensa realizada no dia 1º de Maio, D. João Oneres Marchiori afirmou que a CNBB está atenta à situação e está "tomando atitudes pastorais concretas". 

Prezado assinante

Nossa conta bancária mudou:

Entre em contato com um dos nossos representantes ou ligue para nossa Central de atendimento:

0800- 555-021 (Grátis)

A IGREJA NO MUNDO	4
• Notícias	
PALAVRA DO PAPA	6
• Paz verdadeira	
CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2003	7
• Políticas públicas para o idoso	
ECOLOGIA DO ESPÍRITO	8
• Vem Espírito, Vida! <i>José Cristo Rey Garcia Paredes</i>	
FÉ E CIDADANIA	9
• Fé no Corpus Christi <i>Pe. Zezinho, scj</i>	
REPORTAGEM	10
• Feira de quem Faz <i>Eduardo Russo e Adelino Dias Coelho</i>	
FÉ E CIDADANIA	12
• Mesa global <i>Frei Betto</i>	
• Direitos Humanos: a terceira onda <i>João Batista Libânio</i>	13
REFLEXÃO BÍBLICA	15
• São João e o batismo <i>Elias Leite</i>	
FÉ E CIDADANIA	16
• Crer para compreender <i>Carmen Sílvia Machado Galvão</i>	
LINGUAGEM POSITIVA	18
• Direito comunicativo fundamental <i>Francisco Gomes de Matos</i>	
HISTÓRIA DA IGREJA	20
• Momento único na história <i>José Maria Vigil</i>	
MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR	22
• Senhora da Europa <i>Roque Vicente Beraldi</i>	
SANTOS - TESTEMUNHOS DE VIDA CRISTÃ	23
<i>Juan Diego</i>	
DEVOÇÃO MARIANA	24
• Maria no Apocalipse <i>Geraldo Araújo Lima</i>	
LITURGIA DA PALAVRA	25
• De 29 de junho a 27 de julho <i>Adelino Dias Coelho</i>	
MEU LAR	31
• Falando consigo mesmo através do outro (Continuação.) <i>Wimer Botura Jr.</i>	
CULINÁRIA	32
<i>Yvonne Barros Oliveira</i>	
TURMA DA MAÍRA	33
<i>Tina Glória</i>	

Paz verdadeira

A verdadeira paz floresce quando no coração se vence o ódio, o rancor e a inveja; quando se diz não ao egoísmo e a tudo o que leva o ser humano a debruçar-se sobre si mesmo e a defender o seu próprio interesse (João Paulo II).

Em 14/4, o papa João Paulo II dirigiu aos jovens reunidos, em Roma, para o Encontro Universitário Internacional, com o seguinte discurso:

Ilustração: Cerezo Barredo

Sinto-me feliz por vos acolher, também este ano, a todos vós, que freqüentais as atividades de formação cristã, promovidas pela Prelatura do *Opus Dei*, em muitos países do mundo. Viestes a Roma para participar deste encontro internacional. Saúdo-vos, cordialmente.

O tema que escolhestes: "Construir a paz no século XXI" é um tema mais atual do que nunca, nestes meses em que nos sentimos preocupados, porque, para além das situações no Iraque, há muitos focos de violência e de guerra, que se acenderam noutros continentes. Tudo isto torna mais urgente uma verdadeira educação para a paz.

Para os que crêem, a primeira e fundamental ação em favor da paz é a *oração*, uma vez que a paz é dom de Deus... Neste tempo ameaçado pela violência, pelo ódio e pela guerra, empenhai-vos em testemunhar Jesus, que é aquele que pode dar a verdadeira paz ao coração do homem, às famílias e aos povos da terra.

Os quatro pilares sobre que se deve apoiar a paz são a *verdade*, a *justiça*, o *amor* e a *liberdade*, como ensinou João XXIII, na Encíclica *Pacem in terris*, em 1963. Para ser construtores de paz é preciso, acima de tudo, *viver na verdade*. Vós, jovens, tendes a coragem de fazer perguntas sinceras sobre o sentido da

vida; formai-vos numa límpida retidão de pensamento e ação, de respeito e diálogo com os outros. Tende, em primeiro lugar, aquela relação para com Deus que pede a conversão pessoal e a abertura ao seu mistério. O homem só se compreende a si mesmo em relação a Deus, que é plenitude de verdade, de beleza e de bondade...

Observa São Josemaría Escrivá: "Há quem procure construir a paz no mundo sem pôr no seu coração o amor de Deus... Como é possível realizar uma semelhante missão de paz? A paz de Cristo é a do seu Reino; e o Reino de nosso Senhor funda-se no desejo de santidade, na humilde disponibilidade para receber a graça, numa vigorosa obra de justiça, numa divina efusão de amor".

À verdade junta-se a *justiça*, juntamente com o respeito pela dignidade de cada pessoa. Sabemos, porém, que sem *amor* sincero e desinteressado, a própria justiça não poderá assegurar a paz no mundo. Com efeito, a verdadeira paz floresce quando no coração se vence o ódio, o rancor e a inveja; quando se diz *não* ao egoísmo e a tudo o que leva o ser humano a debruçar-se sobre si mesmo e a defender o seu próprio interesse.

Se o amor, que é o sinal distintivo dos discípulos de Cristo, traduz-se em

gestos de serviço gratuito e desinteressado, em palavras de compreensão e de perdão, a onda pacificadora do amor alarga-se e estende-se até interessar toda a comunidade humana. É, então, mais fácil compreender também o quarto pilar da paz, e esse é a *liberdade*, o reconhecimento dos direitos das pessoas e dos povos e o livre dom de si no cumprimento responsável dos deveres que competem a cada um no próprio estado de vida.

Caros jovens! Se procurardes seguir este caminho, estareis em condições de oferecer uma contribuição eficaz para a construção de um mundo "pacificado" e "pacificador". Escreveu, ainda, São Escrivá: "É dever do cristão 'afogar' o mal na superabundância do bem.

Não se trata de fazer campanhas negativas, nem de ser antiqualquer coisa. Pelo contrário, trata-se de viver de afirmações, cheios de otimismo, com juventude, alegria e paz; de olhar a todos com compreensão". Segui estes ensinamentos, acolhei a paz que Cristo dá a quem lhe abre o coração e difundi-a em todos os ambientes.

Vele sobre vós, sobre os vossos desejos e projetos, sobre as vossas famílias e as nações de onde provindes, Maria. Rainha da Paz. Assistam-vos vossos patronos celestes. Abençoó-vos a todos de coração".

João Paulo II





Políticas públicas para o idoso

(Continuação)



A preocupação com as políticas sociais de atenção ao idoso originou-se no grande esforço de segmentos específicos do Governo e na grande mobilização da sociedade, em busca do cumprimento de normativas internacionais (Assembléia Mundial sobre Envelhecimento de Viena – Áustria, 1982) e nacionais, com a publicação da Lei n.º 8.842, de 04/02/1994, que, reconhecidamente, foi um grande avanço. Poderíamos, porém, estar numa situação bem melhor nas políticas de atenção ao idoso, se o que está escrito e regulamentado pelo Decreto n.º 1.948/96 tivesse realmente sido executado, pois falta garantir a DOTAÇÃO DE RECURSOS FINANCEIROS para a implantação e a implementação da PNI - Política Nacional do Idoso.

Idosos brasileiros, representando vinte e dois estados, na Assembléia Nacional realizada em 1999 - Ano Internacional do Idoso, decidiram manifestar-se ao Governo e sociedade sobre suas preocupações quanto à situação socioeconômica da população brasileira, particularmente dos idosos, bem como propor a "participação efetiva do idoso, da sociedade e da família" para a conquista de condições que possibilitem a garantia de um envelhecimento saudável. Os participantes do Fórum Permanente da PNI, em 2000, alertaram a Nação sobre o não-atendimento da população idosa, em serviços e programas a que teriam direito, para a discriminação da velhice, a falta de organização dos idosos e a falta de partici-



Foto: Eduardo Russo

pação política no processo de desenvolvimento do País e propuseram a construção de "Pacto para um aumento da longevidade digna".

Determinadas ações vêm sendo desenvolvidas dentro do Plano Integrado Governamental na PNI. Relacionamos aquelas que realmente produzem algum impacto nas comunidades: Iniciamos com a SAS/MPAS – Secretaria de Assistência Social do Ministério da Previdência e Assistência Social:

- Benefício de Prestação Continuada (BPC): regulamentado pela Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS – de 07/12/1993, no seu Artigo 2.º, inciso V; garante 1(um) salário mínimo

de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção ou tê-la provida por sua família. Hoje no Brasil, aproximadamente 360.000 idosos acima de 67 anos são amparados por esse benefício;

- Serviço de Ação Continuada – SAC – ao Idoso Asilado: todo idoso dependente tem o direito de receber por mês a importância de R\$ 60,85, e todo idoso independente R\$ 41,91. Não houve previsão de aumento no orçamento de 2002;

- Liberação de recursos para construção, reforma ou ampliação de Centro de Convivência para Idosos, também em quantidade inferior à demanda e em grande parte dependente das emendas parlamentares.

Ministérios do Trabalho e Previdência Social: o que se vê é o idoso aposentado ganhando, freqüentemente, menos do que o suficiente para sua sobrevivência, e ainda assim, segundo pesquisa realizada pela ANFIP (Associação Nacional dos Fiscais de Contribuições Previdenciárias) se constatou que, em 3.154 cidades brasileiras (57,3% do total), o volume de pagamento de benefícios previdenciários supera o valor do FPM (Fundo de Participação dos Municípios). Os idosos necessitam de trabalho, mas como não existe emprego para os jovens, também não há ocupação remunerada para aqueles que já passaram dos 60 anos.

(Continua na próxima edição)

Vem Espírito, Vida!

Quando pedimos a vinda do Espírito, não queremos voar ao céu, nem ser transladados ao mundo que virá; pedimos, sim, uma afirmação da vida.

José Cristo Rey Garcia

O melhor que pode nos acontecer é nos sentir agraciados com o dom e a presença do Espírito Santo. Não é um espírito entre outros, bons ou maus; é o Espírito de Deus. Onde estiver o Espírito, estará Deus, de uma maneira especial. O Espírito é muito mais que um dom de Deus em nosso meio. O Espírito é a presença de Deus sem nenhum tipo de restrição.

Onde está presente o Espírito se experimenta a vida em toda a sua integridade, totalidade, força; com vida curada e redimida. Nossos sentidos ficam potencializados com sua presença. Sentimos, saboreamos, tocamos e vemos nossa vida em Deus e Deus em nossa vida. É a melhor experiência que alguém pode fazer. Não seria natural chamarmos o Espírito Consolador (Paráclito) ou fonte da vida?

Quando pedimos a vinda do Espírito (*Veni Creator Spiritus* — Vem Espírito Criador) não queremos voar ao céu, nem ser transladados ao mundo que virá, suplicamos que venha a nós, na terra, em nossa história. O *Veni Creator* implica uma afirmação forte da vida, desta vida. Quando Deus escuta nosso pedido, o Espírito se derrama sobre toda carne (Jl 2,28; At 2,17ss). Trata-se de uma metáfora surpreendente. Toda carne é certamente o ser humano, porém também todos os seres viventes, como plantas, árvores e animais (cf. Gn 9,10ss). Carne significa para o profeta Joel "o débil, as pessoas sem poder e sem esperança" (H. W. Wolff), o jovem e o ancião. Nin-



Foto: Eduardo Russo

guém é demasiadamente jovem ou velho para receber o Espírito.

Quando o Espírito Santo nos é enviado, vem como uma tempestade, derrama-se sobre todo ser vivente, como água em abundância, invadindo tudo. Se o Espírito é realmente o Espírito de Deus, toda a realidade invadida por ele torna-se santa, divinizada. O Espírito chega a nós e assume diversas formas. É como a água que, primeiro, é fonte, logo rio e finalmente lago. A água é uma só, mas as formas de seu fluxo são diferentes e graduais. O Espírito é a Graça por excelência; depois, assume as formas dos carismas ou energias do Espírito. Os carismas são como fluxos ou emanações do Espírito.

Porém, de onde nos vem o Espírito? Do semblante esplendoroso de Deus! Quando Deus faz brilhar seu rosto sobre nós, concede-nos sua graça, sua bênção, seu Espírito. O rosto de Deus, resplandecente de alegria, é a fonte luminosa do Espírito Santo (J. Moltmann).

Deus fez brilhar seu rosto sobre Jesus, por isso os acontecimentos de sua vida estavam envolvidos no Espírito que o Pai lhe transmitia (concepção, batismo, ressurreição).

Ao partir desse mundo, Jesus rogou ao Pai que nos concedesse outro Consolador (Jo 14,16). Partir desse mundo é o mesmo que morrer. Enquanto Jesus morre, o Espírito está junto ao Pai e Jesus pede que não nos deixe órfãos, que nos envie o Consolador "desde o Pai", pois é o Espírito da verdade que procede do Pai (Jo 14,26). Jesus morre para interceder por nós, para pedir ao Abbá — Pai que nos envie seu Espírito. Porém, Jesus morre também para enviar-nos ele mesmo o Espírito que procede do Pai.

Como discernir onde se encontra o Espírito Santo? O exorcismo diz em negativo, o que a graça diz em positivo. Onde pode ser pronunciado o nome de Jesus, aí está o Espírito. Tudo aquilo que pode ser contemplado através do rosto de Jesus crucificado é Espírito de Deus. Não pode ser pronunciado o nome de Jesus para justificar a violência, o desamor, a inveja. Não encaixa com o rosto do Senhor crucificado a falta de amor, a vingança, a autojustificação, o autoritarismo.

A experiência do Espírito concentra uma experiência extraordinária de si mesmo. O Espírito invade sua vida de tal maneira que se pode falar em morrer e renascer.



José Cristo Rey Garcia-Paredes é sacerdote, missionário claretiano, Madrid, Espanha.

A pomba da paz substitui meios aéreos de destruição (João Paulo II, em 6/4/2003). Paz!

Fé no Corpus Christi

Pe. Zezinho, scj

Os católicos são convidados pelo dogma da eucaristia, a cuidar bem do corpo humano e a respeitá-lo em sua sacralidade, sem medo e sem tabus, mas também sem bandeiras erradas... O corpo humano é o que é, com seus valores e suas misérias. Nada de endeusá-lo ou demonizá-lo. É bom. Não é sujo e não é lixo, porque Deus não cria nem a maldade, nem a sujeira, nem o lixo. Tem seus limites e tem suas possibilidades. O da mulher e o do homem. É sem dúvida uma complexa e maravilhosa máquina, um complexo e maravilhoso composto orgânico cheio de vida que mudou a face da Terra, para o bem e para o mal. Foi esta máquina que fez o que fez neste planeta. A mente humana jamais teria conseguido isso sem os seus cúmplices: olhos, braços, pernas, boca, ouvidos, dedos, órgãos reprodutivos, pés, circulação, sistema nervoso, juntas e articulações...

Por isso, faz enorme sentido festejar o corpo sagrado do mais Filho dentre todos os filhos de Deus. Alguém por cuja causa temos a coragem de cha-

mar a Deus de Pai Nosso e no declaramos filhos Dele.

Nesta era do corpo humano nu, exposto nas telas, exibido, mostrado sob todos os ângulos, explorado, comprado, vendido, banalizado, endeusado, entronizado, erotizado, mercantilizado, cantado em verso e prosa, filmado, teatralizado, malhado e também torturado e massacrado faz muito sentido, urgente até, buscar uma referência que eleve o conceito da corporeidade. Não basta ter um corpo sadio, malhado e bonito. Isso ainda não faz nem o homem nem a mulher. É apenas estrutura ou fachada do monumento que um ser humano é ou pode vir a ser.

De repente, um corpo oferecido em sacrifício e torturado numa cruz; depois, outra vez, oferecido misticamente sob as espécies de pão e de vinho,

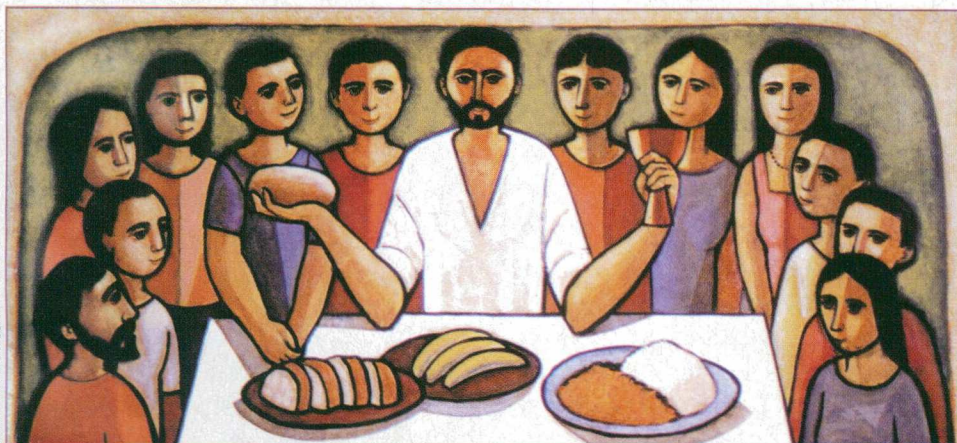
O corpo humano é, sem dúvida, uma complexa e maravilhosa máquina, um complexo e maravilhoso composto orgânico cheio de vida que mudou a face da Terra, para o bem e para o mal. Foi esta máquina que fez o que fez neste planeta. Por isso, faz enorme sentido festejar o corpo sagrado do mais Filho dentre todos os filhos de Deus.

também eles esmagados e frutos do suor e do trabalho humano podem dar enorme sentido aos nossos corpos. Se soubermos o que fazer com eles, certamente influiremos no mundo, para melhor.

Se o usarmos como isca para ganhar fama, emprego, posição, dinheiro e vantagens, também influiremos, mas de maneira infeliz e muito, mas muito superficial. Valeremos pelas nossas medidas.

Nós, católicos, festejamos a festa do Corpo de Cristo dado em comunhão para entender isso. É mais do que crer na Eucaristia. É assumir suas conseqüências. Na era do poder do corpo, temos feito o que com o nosso? Comungamos por quê? Com quem? O quê? Para obter o quê? Aprendendo o quê? Jesus deixou seu corpo neste ritual com que finalidade? O que significa para nós comer este corpo? Que tipo de integração queremos? Entramos naquela fila com que objetivo? Saímos de lá entendendo a lição de um corpo que se entrega a serviço do reino de Deus? O corpo de Cristo mudou nosso jeito de ver o corpo humano? Se não mudou, então, por que ainda o comungamos?

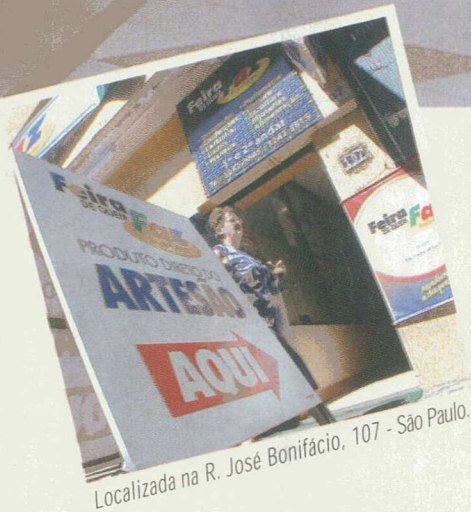
Pe. Zezinho é escritor, compositor e conferencista.



Ceia: Pintura de Cerezo Barrado

Feira de quem Faz

Eduardo Russo e Adelino Dias Coelho



Localizada na R. José Bonifácio, 107 - São Paulo.

A "Feira de Quem Faz", como o nome sugere, é um gesto concreto, que tem envolvido também os idosos, desejosos de "andarem com as próprias pernas" e gerirem seu próprio negócio. É uma resposta à dificuldade econômica por que passa nossa sociedade, onde nem os jovens têm acesso a um trabalho.

A Feira foi inaugurada em novembro do ano passado, e está instalada no centro da cidade de São Paulo, bem próximo da Praça da Sé, em um prédio de 1.500m², de três andares, com estilo de um "shopping center".

Entrevistamos Francisco Granizzo Lopes, diretor administrativo da Cáritas e professor de Ética nos Negócios no Centro Universitário da Fundação Educacional Inaciana (FEI) e na Escola Superior de Administração de Negócios (ESAN).

Ave Maria - Como surgiu essa idéia?

Granizzo - A Campanha da Fraternidade de 1999 teve como tema: "Fraternidade e os Desempregados" e como lema: "Sem trabalho... Por quê?". Esta pergunta foi respondida por uma equipe de reflexão da Arquidiocese de São Paulo.

AM - Apresentaram-se muitas sugestões?

Granizzo - Eram centenas de sugestões, e entre dezenas selecionadas, surgiu esta, a Feira de Quem Faz. Cerca de 80 artesãos e micro-empresários dos segmentos de confecção, alimentação e artesanato expõem em boxes tipo *outlet* (centro comercial não luxuoso, cujas mercadorias são vendidas a preços mais baixos, em geral diretamente do produtor ao consumidor). Produzem roupas, quadros, bolsas, bijuterias, artigos de decoração em cerâmica, madeira, doces, licores com excelente qualidade, mas encontravam dificuldades para vendê-los a parentes, amigos ou em bancas nas praças da cidade. Agora, longe da informalidade, trabalham com a expectativa de montar seu próprio negócio em dois anos.

AM - Por que dois anos de permanência neste local?

Granizzo - Levantamos uma série de problemas que havia com a implantação desses pequenos negócios, por que havia elevado índice de falências. Então, surgiu a pergunta: por que a falência? 80% dos microempresários vão à falência ao longo de 24 meses — isso é estatística amplamente publicada, desde o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), até a Junta Comercial. Essa mortalidade das empresas nos primeiros meses são percentuais que existem por todo o mundo e não somente no Brasil.

AM - Quais são as causas?

Granizzo - Há três motivos que promovem essas falências: Primeiro, as pessoas produzem, mas, às vezes, não sabem vender. Tem pouca habilidade e, mesmo com treinamento, não deslancham. Fazem, por exemplo,



Fotos: Eduardo Russo

Francisco Granizzo Lopez, diretor da Cáritas.

moletons, artisticamente confeccionados, só que não vendem. É sabido que a boa administração primeiro vende para, depois, comprar mais matéria-prima,

mas nem sempre assim procedem.

Segundo, há, em alguns, o desinteresse pelo controle administrativo-financeiro. Costumo dizer: peguem um caderno, coloquem numa coluna as despesas e noutra, as receitas, todos os dias, e não misturem as contas da empresa com as da família.

O terceiro motivo mais freqüente é o desentendimento entre sócios. Era um grupo fantástico! Mas a impontualidade, o chegar tarde, perguntar como vão as coisas e ir embora e a conseqüente injusta distribuição de lucros fazem desagregar-se promissoras lideranças... Então, surgiu esta idéia, fazer com que venham aqui e se crie uma "incubadora" de pequenos negócios.

AM - Por que "incubadora"?

Granizzo - Historicamente, a "incubadora" de pequenos negócios nasceu nos anos 50, nos Estados Unidos. Numa cidade do interior do Estado de Nova Iorque, a única fábrica que havia, fecha e a cidade fica praticamente sem empregos. Uma família italiana, os Mancuzzo, compra o prédio e cede espaço para os desempregados. Sabiam fazer alguma coisa? Que viessem fazer ali e vender. O primeiro que se

apresentou era dono de uma chocadeira. Daí, o nome.

AM - Formam-se então pequenos empresários?

Granizzo - É isso. Só se aceitam desempregados. A maioria trabalhava na economia informal. A transição para a formalidade é feita em forma de cursos — ajudar a fazer seu planejamento de negócios. De maneira que, depois de dois anos, já tenham condição de abrir seu negócio, em qualquer lugar. Porque o projeto já está pronto, já foi testado, pois, de certa maneira já está vendendo, já está funcionando como empresa. É teoria e prática, ao mesmo tempo. O contrato firmado com eles prevê isso.

AM - Há muitos interessados em vir para cá?

Granizzo - Há mais de 500 pessoas. Uma equipe de relações com os usuários faz exame, entrevistas, explicam as regras do "jogo" e o contrato. Daí, desde que tenham produtos bons, são classificados. Vêm aqui, preenchem formulário de candidato e vêem o ambiente. A maioria gosta e se entusiasma. Outros ficam com medo de arriscar, mesmo o custo do aluguel sen-



Alguns estandes da "Feira de quem Faz" num dos andares.

do baixo e preferem ficar na lista de espera. Eu falo para eles que esse ponto não é só para vender, mas uma referência no mercado. Do ponto de vista da qualidade dos produtos, especialistas analisam amostras trazidas por eles e decidem sobre sua viabilidade.

AM - Há preferência pelo idoso?

Granizzo - Não, mas se tiverem produtos de qualidade, podem posicionar-se bem aqui, sem terem de esperar muito tempo.

Contato com o Projeto:

www.feiradequemfaz.com.br
feira.de.quemfaz@terra.com.br
 Fone/Fax: (11) 3242-0646
 3242-3815

Funcionamento

Seg. à Sex. das 9h às 18h
 Sábados das 9h às 13h

Montando seu próprio negócio

Estandes, dirigidos também por pessoas idosas, demonstraram na prática, toda a intenção do projeto. À guisa de



Entusiasmo com o projeto e perseverança no ideal de microempresárias, na Terceira Idade.

exemplo, foram entrevistadas as expositoras, Vera Maura Cabral e Helena Azuolas (foto):

AM - Há quanto tempo estão aqui?

Vera - Há quatro meses.

AM - Como estão se sentindo?

Vera - Os problemas como sempre são os clientes, pois está meio devagar. Mas, achamos que isso é normal, pois todo começo é assim mesmo. A gente tem que ter paciência até o momento em que a Feira fique mais conhecida. O projeto é maravilhoso.

AM - O que vocês acham da preparação para serem empresárias?

Helena - Está ajudando muito. O pessoal da Cáritas tem sido ótimo. Tudo o que a gente pede, quando temos alguma dificuldade, somos atendidas. Agora teremos o curso, com auxílio de universidades. Paralelamente, estamos fazendo alguns eventos. Aos poucos, já começamos a sentir algum retorno. Há pessoas que conheceram o local e já voltaram duas, três vezes. Isso para nós é muito gratificante.

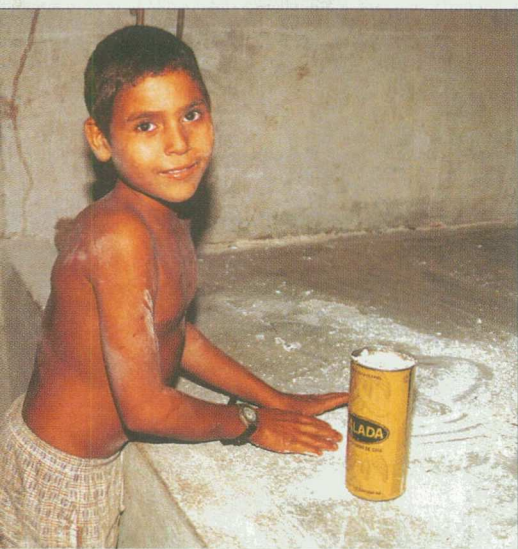
Mesa global

Frei Betto

Pode-se viver sem estudos, produtos industrializados, obras de arte e, nos trópicos, até sem roupa. Impossível é prescindir de comida e bebida. A bailarina e o papa, o nobel de Química e o encanador, o marajá e o indígena, todos diferem quanto a hábitos e costumes, equipamentos e interesses, mas coincidem num ponto: dependem de sua ração diária.

Dotados de capacidade reflexiva — sabem que sabem o que sabem — o homem e a mulher são os únicos animais que não enfiam a boca diretamente nos alimentos. Capazes de reproduzi-los pela agricultura e pela pecuária, evitam comer carne crua, lavam as frutas e verduras, cozinham legumes e assam os grãos. Da mescla de trigo, água, gordura, sal e fermento, obtêm o pão, assim como extraem cerveja da cevada e vinho da uva.

Se deixar de comer e beber, o ser humano definha e morre. O alimento é-lhe tão imprescindível que, com o



Segundo a ONU, há 840 milhões de miseráveis entre os 6,1 bilhões de habitantes da Terra, na qual se produzem alimentos suficientes para 11 bilhões de bocas. Estes dados comprovam que não há excesso de bocas, nem insuficiência produtiva. O que há é injustiça. A mesa global não é acessível a todos os seres humanos.

advento do mercado, passou a ter valor de troca. Entre os indígenas tribalizados, ainda hoje o alimento possui apenas valor de uso. A ambição de lucro faz com que se destruam plantações de grãos e frutas, para evitar queda de preços, embora haja milhares de famintos.

Na sociedade capitalista, o valor de um produto alimentício supera o de uma vida humana. No Brasil, onde não faltam alimentos, cerca de 46 milhões de pessoas são subnutridas e, a cada ano, mais de 100 mil crianças, com menos de cinco anos de idade, morrem em decorrência de alimentação insuficiente.

Segundo a ONU, há 840 milhões de miseráveis entre os 6,1 bilhões de habitantes da Terra, na qual se produzem alimentos suficientes para 11 bilhões de bocas. Estes dados comprovam que não há excesso de bocas, nem insuficiência produtiva. O que há é injustiça. A mesa global não é acessível a todos os seres humanos. Enquanto uns poucos se fartam, a ponto de se darem ao luxo de fazer dieta, a maioria cata, inclusive no lixo, migalhas que sobram.

O grau de justiça de uma sociedade pode ser avaliado pelo modo como



Fotos: Douglas Mansur

os alimentos são distribuídos entre todos os cidadãos. O maior escândalo desta virada de milênio é a contemporaneidade da fome como fenômeno coletivo. Atingimos a Lua e nos preparamos para desembarcar em Marte. No entanto, ainda estamos longe de fazer pousar os nutrientes essenciais no estômago de milhares de homens e mulheres. Produzem-se transgênicos sem que se produza justiça.

Todo cristão deveria ajoelhar-se ao entrar numa padaria. Símbolo da vida, o pão é o mais universal dos alimentos. Come-se todo dia e não enjoa. Em Jesus, Deus se fez pão. "Eu sou o pão da vida" (João 6,35). Signo do divino, o pão realça a vida como dom maior de Deus. Pai Nosso/pão nosso. Quem reparte o pão, partilha Deus.

Na Semana Santa celebramos a instituição do sacramento da presença viva de Jesus no pão — a eucaristia. Pouco antes de ser preso, Jesus repartiu o pão entre os seus companheiros e

afirmou: "Isto é o meu corpo". Distribuiu em seguida o vinho: "Isto é o meu sangue". E pediu que fizéssemos o mesmo em memória dele.

Este pedido significa construir uma sociedade na qual todos tenham acesso, como na mesa eucarística, à comida e à bebida, dons da vida. Fazer de nossa existência pão e vinho para que outros tenham vida. Viver em comunhão, o que socialmente só será possível se levarmos à prática o que reza o sacerdote ao consagrar o pão e o vinho em corpo e sangue de Jesus: repartir os bens da Terra e os frutos do trabalho humano.

O sufrágio universal abre a todos as portas da política. A Internet, os canais de informação. Fica faltando o democrático acesso aos bens da vida. O que não ocorrerá enquanto perdurar o sistema que prioriza o lucro e defende a concentração privada da riqueza, ainda que em detrimento da possibilidade de vida de milhares de seres humanos.

A eucaristia e a Páscoa são sinais que subvertem a sociedade marcada pela desigualdade social. O Deus que ressuscitou Jesus é o mesmo que nos deu tudo para que fosse de todos. O Paraíso é uma invenção divina. O egoísmo humano, entretanto, inventou o pecado e, em conseqüência, a exclusão do Jardim do Éden.

Só o amor, traduzido em partilha de bens e dons, como numa família, resgata a fraternura que deveria unir todos os seres humanos. Então, a eucaristia se faz "carne" no tecido social e a ressurreição dos corpos se tornaria um fato político. E todos veriam, como assinala o Apocalipse, a tenda de Javé erguida entre nós (21,3).

Frei Betto é escritor, autor da biografia de Jesus "Entre todos os homens" (Ática), entre outros livros.

Direitos Humanos: a terceira onda

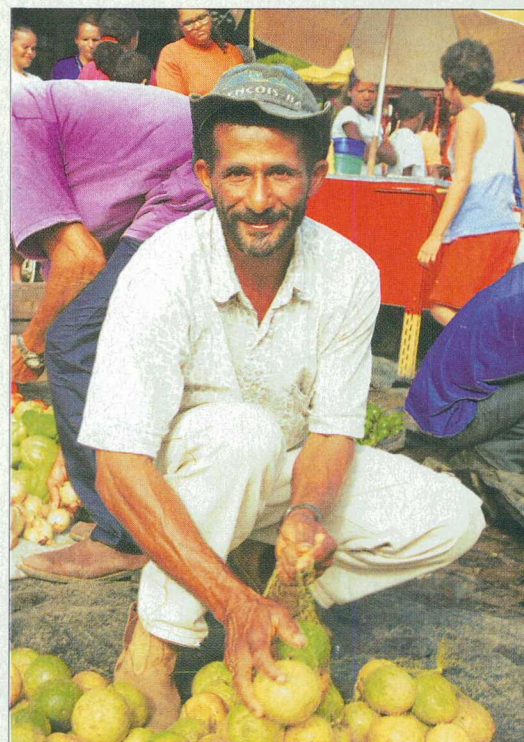
J. B. Libânio

Estamos entrando numa terceira e mais importante onda dos Direitos Humanos. Lá, no século XVIII, levantou-se a primeira. As monarquias absolutas, baseadas na origem aristocrática do sangue, reinavam serenas, tendo sob seu régio poder as burguesias nascentes. Estas forjaram a grande revolução, cujo fundamento teórico foi buscado em direitos naturais anteriores à constituição de qualquer Estado. Os indivíduos por meio deles defendiam-se da arbitrariedade dos Estados. E para que isso não se circunscrevesse a algum Estado, tais direitos foram propostos como universais.

As classes burguesas viraram a mesa e tornaram-se o sujeito defensor dos Direitos Humanos naturais e universais. Isso na letra e na academia. No concreto da prática, as massas operárias, que começavam a criar-se em torno das novas relações de produção, sob a hegemonia das classes burguesas, são alijadas do gozo e exercício desses Direitos Humanos. Portanto, na verdade não eram universais nem naturais, mas burgueses. Ou se quisermos, eram direitos re-

almente universais e naturais, porque deles se vale todo ser humano, mas as classes dominantes os seqüestraram para si, excluindo as classes proletárias de seu usufruto.

Para ampliar o horizonte para as classes proletárias, veio a segunda onda de corte socialista. Aí se defenderam os direitos sociais, como naturais e universais. Fizeram um casamento com a primeira carta da Revolução



Francesa e da Constituição americana, engendrando em 1948 a Declaração dos Direitos Humanos das Nações Unidas. Esse movimento abriu novos horizontes para os assalariados, para

aqueles que detinham um trabalho no mundo burguês da industrialização.

Entretanto, mesmo essa ampliação não universalizou os direitos humanos. Praticamente atingiu somente os operários organizados. Ficaram de fora o famoso "Lumpenproletariat", isto é, as massas desorganizadas, entregues à sua miséria. E em nossos países, são maioria. Por isso que acordamos para uma terceira onda, seja por força da evidência dos fatos e por causa do fracasso da revolução socialista.

Vivemos outro momento. O socialismo perdeu sua força. Os direitos sociais são restringidos, se não negados

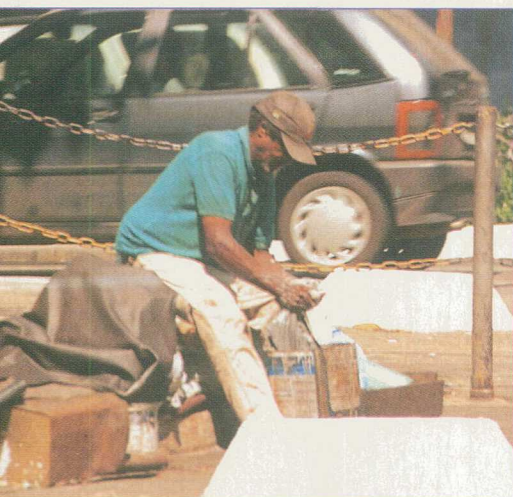


Foto: Douglas Mansur

em muitos países por novas leis, novos acordos, nova reformulações. Criou-se um exército de desempregados. Aparece agora à luz do dia a verdade das "massas sobrantes", do "mundo dos pobres", da realidade do "no-hombre", na expressão de G. Gutiérrez. Já não é o simples exército dos proletários, mas são as multidões dos miseráveis, dos excluídos, dos famintos.

Os ventos novos, que sopram em muitos lugares e que tiveram um ímpeto forte no Fórum Social Mundial, fazem erguer uma terceira onda. A mais alta até hoje a ponto de espalhar-se pelo imenso continente da miséria. Nela se entende a intervenção da CNBB com a séria proposta aos po-

líticos para eles criarem e debaterem planos sociais que contemplem a educação, saúde, moradia e segurança dessas gigantescas massas de excluídos de nossa sociedade.

Impõem-se dois movimentos. Um de estancamento da hemorragia dos parques benefícios e direitos que a custo se tinham socializado e que o neoliberalismo norte-atlântico sistematicamente vem desfazendo. Estamos pior hoje que ontem. Este ontem começara com as reformas sociais de Getúlio Vargas seguidas de outros projetos sociais. O hoje foi criado por um governo que se autoproclamou social-democra-

Vivemos outro momento. O socialismo perdeu sua força. Os direitos sociais são restringidos, se não negados em muitos países por novas leis, novos acordos, nova reformulações. Criou-se um exército de desempregados. Aparece agora à luz do dia a verdade das "massas sobrantes", do "mundo dos pobres", da realidade do "no-hombre" na expressão de G. Gutiérrez.

ta e negou o social por medidas e jogos, de modo algum, democráticos.

A brecha social tem crescido, a adácia precisa então ser maior. A CNBB entrou com fôlego, recordando princípios, fomentando utopias e exigindo, com todo direito, que os partidos, após o páreo eleitoral, apresentem planos concretos e se comprometam séria e até juridicamente, se possível fosse, com eles. O povo deveria ter meios institucionais de retirar sua confiança eleitoral, caso os candidatos não cumprissem suas promessas, caso falassem unicamente baboseiras demagógicas.

As campanhas eleitorais deveriam ter uma mínima obrigação vinculativa de modo que a partir dela a sociedade

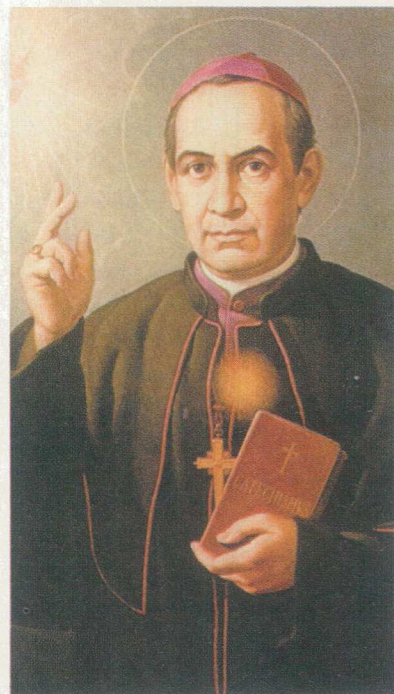
controlasse depois o trabalho dos políticos, mantendo-lhes ou cassando-lhes os mandatos. Só assim não estaríamos entregues ao festival de mentiras das campanhas eleitorais.



J. B. Libanio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores dos jesuitas (CES), Belo Horizonte, MG.

MISSIONÁRIOS CLARETIANOS

Servidores da Palavra ao estilo de Claret, anunciando a Boa Nova do Reino a todos os povos e nações.



*Venha conosco
nessa missão!*

SECRETARIADO VOCACIONAL
F. (19) 9604-2745 / 3242-2258 - Campinas-SP
pemaucricao@mpc.com.br

CENTRO PE. JAIME CLOTET
F. (46) 224-4129 - Pato Branco-PR
pe_gilson@zipmail.com.br

COMUNIDADE CLARETIANA
F. (82) 326-8122 - Macaé-AL
missaoclaret@ofm.com.br

COMUNIDADE CLARETIANA
F. (66) 437-1106 - Campinápolis-MT

SECRETARIADO VOCACIONAL
F. (31) 3218-7676 - Belo Horizonte-MG
pvbcent@uai.com.br

COMUNIDADE CLARETIANA
F. (61) 351-1051 - Taguatinga-DF



São João e o batismo

Elias Leite

João Batista. Quem é ele? Semelhante curiosidade sobre sua pessoa, já teve a mídia do seu tempo. Com a diferença da cultura e dos meios de comunicação também. É óbvio. Mas, com a mesma pressão, sem dúvida. É típico.

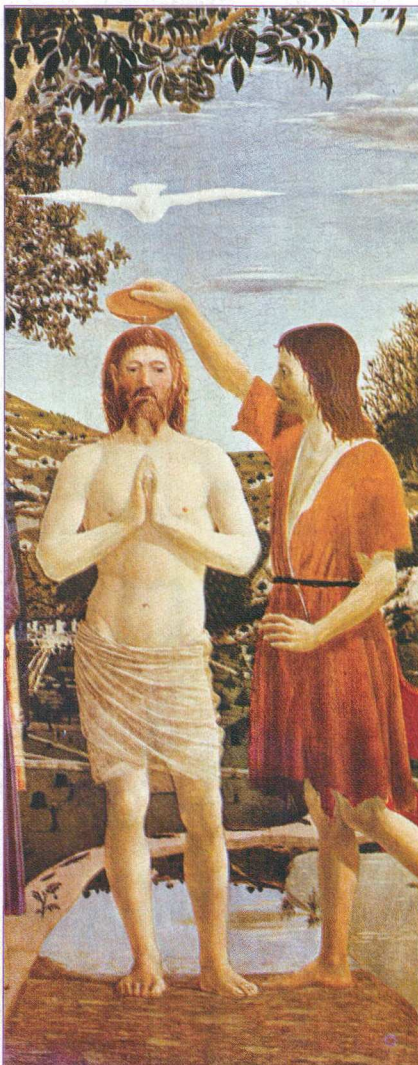
Desconhecedores de Deus no homem, evidentemente não poderiam conhecer num Homem, Deus. Situavam-se diante de uma incógnita, e quem sabe, de um mistério. Qual dos dois o Messias, afinal. João? Jesus? Ou sem mais alternativa, um dos antigos profetas?

E foram aproximando-se de João, sem microfones ou blocos de anotações. Mas, com impertinência. — "Quem é você?" João que já os conhecia, desvendou-se. — "Eu não sou o Messias!" Eles carregaram: "Então, quem é você? Você é Elias?" João responde: "Não. Eu não sou". Insistiram tentando ajudar: "Você é o Profeta que estamos esperando?" Capciosos, sequer sabiam quem mesmo esperavam! Como ainda hoje, muitos se recusam a pronunciar o nome de Cristo ou aceitá-lo como Deus.

Mas, não desistiram. Procuraram pressioná-lo, arrazoando com a pertinência dos patrões. — "Diga: quem é você? Precisamos saber o que você diz a respeito de você mesmo, para levarmos a resposta àqueles que nos enviaram". Reportaram à redação. A responsabilidade deles fora repassada aos chefes, os fariseus, que não eram jornalistas, mas, sensores religiosos.

E João, pensando encerrar a insistente entrevista, respondeu citando Isaías: "Eu sou aquele que grita assim no deserto: Preparem o caminho para o Senhor passar". Parece não terem en-

A Igreja Católica, em dado momento de sua história, mui sabiamente, houve por bem, realizar de modo geral, os batismos de crianças. Sentiu que, assim fazendo, santificada desde cedo a vida dos inocentes pela infusão do Espírito Santo, constituía assim uma família cristã de imediato, com todos batizados.



Batismo de Cristo: Piero della Francesca, 1440-50

tendido a fina ironia. Pois logo revidaram: "E por que você batiza, se não é o Messias, nem Elias, nem o Profeta que estamos esperando?"

Deixaram para o fim o argumento da credibilidade: o batismo. "Por que você batiza?" João, que bem conhecia as intenções deles, respondeu por parte. Primeiro numa auto-afirmação, mostrou a ignorância deles: "Eu batizo com água, mas, no meio de vocês, esta alguém que vocês não conhecem". E deixou a conclusão para o dia seguinte, ao primeiro encontro com eles, a fim de que não mais pudessem duvidar.

No outro dia, como se encontrasse trabalhando às margens do rio Jordão, perto de Betânia, e os "insatisfeitos" seguindo-o na curiosidade maldosa, João avista Jesus que vinha em sua direção. Nada mais oportuno. Nada mais contundente para concluir a resposta. E foi logo apontando: "Olhem, aí está o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo! Eu mesmo não sabia quem ele era, mas, vim batizando com água, para que o povo de Israel saiba quem ele é".

E João alude ao batismo dele: — Vi o Espírito descer do céu como uma pomba e parar sobre ele. O povo assuntava admirado. E João prossegue: "Eu não sabia quem ele era, mas Deus, que me mandou batizar com água, me disse: "Você vai ver o Espírito descer e parar sobre um homem. Esse é que batiza com o Espírito Santo. E eu de fato, vi isso e por essa razão tenho declarado que ele é o Filho de Deus" (Jo 1,19-34).

E aqui está a maior definição do batismo cristão, este testemunho de João, ao batizar o próprio autor do batismo — Cristo. E a confirmação está na voz do

Pai, citada pelo evangelista, "Este é o meu Filho muito amado no qual deposito todo o meu Amor!" E foi aí que todos viram, como a esvoaçar sobre ele, a figura de uma pomba, o sinal da presença do Espírito de Deus. Bem por isso, mais tarde, ordenava aos discípulos: "Vão por todos os povos, pregando o meu Evangelho, e quem nele acreditar, seja batizado em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, para que seja salvo" (Mt 28,18-20).

E aqui chego onde desejava chegar. Os nossos batismos, hoje.

Por que, muitos pais (pai e mãe), não levam tão a sério a realidade do batismo de seus filhos? Por que só levar o filho para o sacramento do batismo, e depois não assumirem a educação dos mesmos na Fé, com palavras e exemplos de vida cristã?

A Igreja Católica, em dado momento de sua história, mui sabiamente, houve por bem, realizar de modo geral, os batismos de crianças. Sentiu que, assim fazendo, santificada desde cedo a vida dos inocentes pela infusão do Espírito Santo, constituía assim uma família cristã de imediato, com todos batizados. E por outros motivos ainda, considerados. Isso, porque confiava ou dava um voto de confiança à Fé e à consciente vida cristã dos Pais e irmãos mais velhos. A primeira escola de fé, naturalmente seria a família.

O que causa séria inquietação à Igreja, é que em muitos lares, a vida de fé vem desaparecendo. E, conseqüentemente, o descaso na educação religiosa dos filhos. Fica só no gesto litúrgico do sacramento realizado na igreja. E só isto não basta.

Abençoados aqueles pais e padrinhos que se preparam e se comprometem com responsabilidade, no dia-a-dia, entre outras ocupações, o dever da educação religiosa de seus filhos começando-a em casa.



Elias Leite é missionário claretiano, escritor e poeta.

Crer para Compreender

Carmen Sílvia Machado Galvão

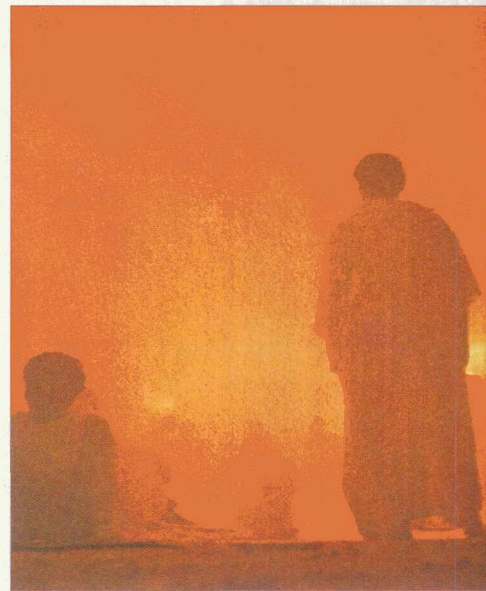
"**B**em-aventurados os que haverão de crer sem terem visto" (Jo 20,29). Muitas pessoas lamentam o fato de não poder ver a Jesus. Se o Ressuscitado não pode ser visto por nós, existe a comunidade cristã que, com sua vida, testemunha que ele está vivo.

No texto acima, nos é dado observar (Jo 20,19-31). Busca responder aos problemas dos cristãos de algumas comunidades que pretendiam ver para crer. Com esse objetivo, narra-lhes o episódio de Tomé e explica que o Ressuscitado tem uma vida que foge aos nossos sentidos, uma vida que não pode ser tocada ou vista.

Tal realidade somente pode ser objeto da fé. Nesse particular, a fé é sempre um risco, pois não se trata de tocar e ver, mas de acolher o anúncio tal qual ele é proclamado. Ao cristão não são necessárias aparições ou outras manifestações espetaculares. O som da voz do Senhor (a Escritura) é suficiente para reconhecê-lo e segui-lo.

Para Jesus, bem-aventurados são aqueles que crêem sem ver, porque a fé deles é mais genuína. Quem vê tem a certeza da evidência, possui a prova inegável de um fato, não a prova da fé. De fato, no que tange às coisas de Deus, é primordial primeiro crer para depois compreender.

Ao cristão não são necessárias aparições ou outras manifestações espetaculares. O som da voz do Senhor (a Escritura) é suficiente para reconhecê-lo e segui-lo.



Santo Anselmo

Embora pareça paradoxal, há uma importante afirmação que é a que mais se coaduna com a fé, e deve animar nossa vida cristã. Ela aparece nas chamadas formulações de Santo Anselmo de Cantuária († 1109). Estando Deus no centro do mistério, nós nunca poderemos apreendê-lo pelos sentidos ou pela inteligência. Isto já ficou bem claro. O clássico *credo ut intelligam* (crer para compreender) de Santo Anselmo, em sua clássica obra, *o Proslogion* faz a troca de mão do ônus de compreender, que

se torna posterior ao crer: *Senhor, eu não tenho a intenção de penetrar na tua profundidade, porque minha inteligência não poderia, de modo algum, atingi-la. Desejo, porém, compreender algo da tua verdade, que cre e ama meu coração. Não procuro compreender para crer, mas sim crer para compreender, uma vez que estou seguro que, se não cresse, não compreenderia.*

Falta ao homem de hoje, e por isso o mundo está desse jeito, o modo de conhecer pela contemplação, joelhos em terra, no qual os sentidos são substituídos pela atitude silente e respeitosa de quem está diante do mistério. Assistimos a uma assustadora mutilação dos espíritos, pelos modismos e pela massificação. O problema do homem é que ele não aceita compreender pela fé.

Beber nas fontes

As leituras espirituais, quais fontes cristalinas, têm o intuito de ajudar a reflexão cristã sobre a Palavra de Deus e promover a necessidade de transformá-la em prática. O tempo penitencial e catequético da Quaresma nos traz um conjunto de textos bíblicos sempre adequados, como o diálogo de Jesus com uma mulher samaritana, junto ao poço de Jacó (cf. Jo 4, 5-42). A temática flui através da oferta que Deus, generosamente, faz de seus dons. Dom é presente, gratuito. Se não o temos, é porque ainda — como crianças — não sabemos pedir. O evangelho, dando ênfase à fé, ao compreender a Palavra, fala em água, que se transforma em um fio condutor que descreve o itinerário do ser humano desde sua sede até a fonte que contém a água viva. A samaritana somos todos nós, sedentos em busca de uma fonte de onde possamos tirar água e nunca mais ter sede. Igual

aos homens de hoje, a samaritana não conseguia enxergar a oferta de Deus além das coisas palpáveis. Tanto assim que, em um determinado momento do diálogo, Jesus chega a exclamar, para ela e para nós: *Ah!, se você conhecesse o dom de Deus!* (v. 9).

Esse evangelho torna-se como que

Falta ao homem de hoje, e por isso o mundo está desse jeito, o modo de conhecer pela contemplação, joelhos em terra, no qual os sentidos são substituídos pela atitude silente e respeitosa de quem está diante do mistério.

Assistimos a uma assustadora mutilação dos espíritos, pelos modismos e pela massificação.

O problema do homem é que ele não aceita compreender pela fé.



uma "chave-de-leitura" para a um *crer para compreender*, não entender o mistério de Deus, pois este vai além de nosso raciocínio, mas naquilo que ele nos toca, que são os dons com que continuamente nos agracia. A mulher da Samaria, personagem da narrativa, conhece o dom de Deus, através das palavras de Jesus, acolhe a "água viva", revela sua fé e tem o amor de Deus derramado em seu coração, na medida em que passa por uma transformação em seu coração.

Os cinco maridos da samaritana

Havia um impedimento: a mulher tivera cinco maridos, que podem ser cinco relacionamentos maritais ou apenas a dominação da Samaria por cinco sistemas políticos (egípcios, assírios, babilônios, filisteus e gregos, além do atual, Roma) que lhe impuseram seus deuses. Nas Escrituras, infidelidade, idolatria, adultério e descrença são idéias afins. Quando a mulher professa sua fé na característica messiânica de Jesus (ela foi compreender depois de crer), ela rompe com o passado, seus pecados e desajustes daí decorrentes. Tanto assim que se sente impelida em anunciar o Cristo a seus conterrâneos. Ela deixa o cântaro no chão (a antiga lei) e vai anunciar a seus concidadãos (a Boa Notícia) a "água viva" que Jesus tinha para dar a todos. A samaritana fez opção pela nova água, o dom de Deus que mata toda a sede, e essa experiência marcou-a tanto, a ponto de transformar sua vida, convertendo-a em testemunha e missionária dessa mesma vida, ao povo de sua aldeia e a todos que leram a Palavra de Deus, onde vem relatada a sua conversão.

Carmen Silvia Machado Galvão Teóloga e escritora
e-mail: csmgal@terra.com.br

Direito comunicativo

Francisco Gomes de Matos

Em março de 1984, publiquei na *Revista de Cultura Vozes*, um apelo intitulado: Por uma Declaração dos Direitos Lingüísticos Individuais. Nesse texto, formulei duas tipologias de direitos lingüísticos, que transcrevo, de maneira bem sinótica. Lembro aos leitores que, a rigor, direitos estão ligados a deveres, por isso, ao lerem a listagem seguinte, busquem explicitar as responsabilidades correspondentes aos direitos exemplificados. Direito à



Fotos: Eduardo Russo

igualdade lingüística, à aquisição da linguagem, à aprendizagem e uso da língua materna, a fazer opções lingüísticas, à preservação, à defesa, ao enriquecimento e à valorização da língua materna, à aquisição-aprendizagem de uma segunda língua, à compreensão e à produção plenas, de receber tratamento especializado para distúrbios de comunicação.

A segunda classificação de direitos está centrada na pessoa: Direitos

lingüísticos da criança, dos pais, do aprendiz (na Escola), do professor, do autor/escritor/jornalista, do paciente/médico, da mulher, de conferencistas em encontros internacionais, religiosos. Eis o parágrafo final do citado artigo: "Sabemos que a liberdade é um meio termo entre os direitos individuais e os direitos sociais: no que diz respeito aos direitos lingüísticos há muito a ser feito, particularmente no nível de sensibilização quanto ao problema. Cabe aos

lingüistas aplicados um papel importante na formulação desses direitos, no que de lingüístico manifestam. Que este ensaio, motivado por um apelo feito à comunidade internacional de lingüistas, educadores e outros interdisciplinaristas, contribua para a formulação de uma Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos Individuais".

Quase simultaneamente à publicação do artigo no Brasil, saiu, no número de abril de 1984 do boletim *FIPLV World News* (Federação Internacional de Professores de Línguas Vivas), meu apelo-síntese em Inglês. Transcrevo o parágrafo final desse texto: "Fazemos um apelo para que a Unesco, com outras organizações internacionais comprometidas com a Educação Lingüística e com a preservação e a garantia da dignidade e equidade lingüísticas, patrocinem a formulação, difusão e

implementação de uma Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos". Após 12 anos, o apelo deste articulista, proclamava-se a Declaración Universal de Derechos Lingüísticos (Barcelona: 6/6/1996), disponível na internet < www.linguistic-declaration.org >. Motivado pela repercussão de meu apelo de 1984 (está mencionado no Prefácio à *Cambridge Encyclopedia of Language*, do notável lingüista-enciclopedista britânico David Crystal, edições de 1987 e 1997), resolvi submeter à comunidade internacional um novo apelo, também através do boletim da *FIPLV*, pois a esta organização estou ligado mais efetiva e afeti-

Sabemos que a liberdade é um meio termo entre os direitos individuais e os direitos sociais: no que diz respeito aos direitos lingüísticos há muito a ser feito, particularmente >>

vamente, desde que tive o privilégio de presidir a Comissão Organizadora de seu Congresso Mundial realizado na Universidade Federal de Pernambuco em 1997.

Novo apelo

A generosa acolhida editorial dispensada pela *Revista Ave Maria* a este colaborador tornou possível a publicação de muitos artigos voltados para uma dimensão inexplorada entre nós: a da comunicação pacífica. Assim, graças a esse apoio, venho traduzindo minhas idéias e experiências práticas (em seminários, oficinas pedagógicas, minicursos, palestras, etc.) em propostas de interação comunicativa humanizadora.

fundamental

O fruto mais recente desse trabalho em favor de uma Lingüística da Paz é meu livro: *Comunicar para o bem. Rumo à paz comunicativa*. (Ave Maria, 2002), que tem sido objeto de resenhas no Brasil e no exterior. Ali, apresento algumas atividades que, em contextos diversos — no lar, na escola, no trabalho — podem contribuir para o desenvolvimento do que agora estou chamando de direito comunicativo fundamental. Esse conceito-chave está explicado em meu segundo apelo, recém-publicado também em Inglês, pelo boletim da FIPLV e sobre o qual tenho recebido manifestações de apoio de es-

>> no nível de sensibilização quanto ao problema. Cabe aos lingüistas aplicados um papel importante na formulação desses direitos, no que de lingüístico manifestam.

pecialistas de vários países, dentre os quais o lingüista Noam Chomsky que em e-mail assim comentou: *Very good statement. Glad to endorse it* (Muito boa proposição. Prazer em endossá-la).

Transcrevo o referido apelo e as reflexões por ele decorrentes. Fazemos um apelo em favor do direito comunicativo fundamental, isto é, o direito que todos os usuários de línguas (faladas, escritas, de sinais) deveriam ter: o de aprenderem a comunicar-se pacificamente para o bem da humanidade. Tal direito comunicativo por excelência resulta da integração de três direitos humanos: o direito de viver em paz, o direito de aprender e o direito de comu-

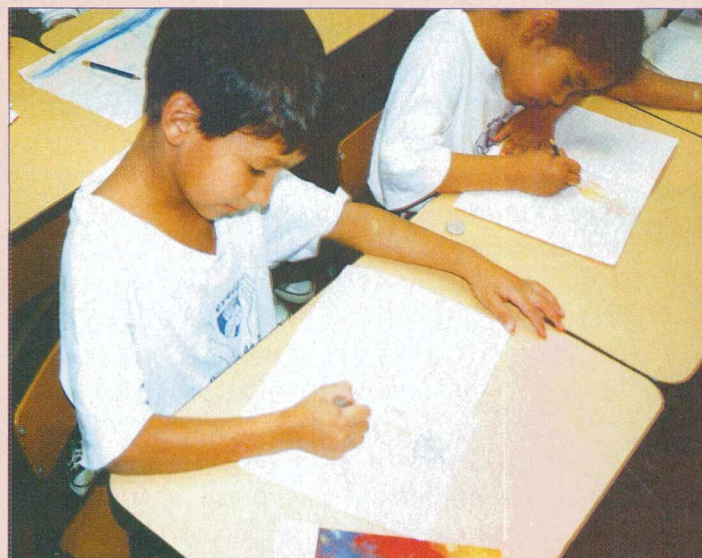
nicar-se (cf. o artigo 19 da Declaração Universal de Direitos Humanos: Toda pessoa tem o direito à liberdade de opinião e expressão).

Que indagações educacionais poderíamos fazer, com base no direito comunicativo fundamental? Eis algumas possibilidades, sugeridas em meu *Plea for the fundamental communicative right* (Argumento para o direito fundamental de comunicação): Como poderemos chegar a formular-se, difundir-se e pôr-se em prática, universalmente, um direito dessa natureza e as correspondentes responsabilidades comunicativas, principalmente em sistemas educacionais — programas de educação em língua materna, segunda língua, língua estrangeira, etc.? Como dar uma atenção explícita às dimensões coletivas, comunitárias na implementação desse direito? Como criar condições para que a língua usada por uma comunidade em instituições co-responsáveis para nosso bem-estar, nossa saúde, nossa segurança comunicativas receba o devido apoio institucional, através de recursos financeiros locais, regionais e nacionais.

Exemplos de tais instituições comunicativas, segundo o sociolingüista Joshua Fishman — mensagem pessoal — seriam os diversos tipos de centros/programas de Saúde Pública, Serviço Social, Educação de Adultos (inclusive os mais idosos),

Igrejas, a mídia, organizações não-governamentais engajadas em projetos comunitários, etc. Outra pergunta-chave sobre a aplicação desse direito comunicativo fundamental: Como promover a transformação do direito de aprender a comunicar bem em direito de aprender a comunicar para o bem? Que projetos poderão ser elaborados e testados, com esse fim, em nossas escolas e em outros contextos sócioeducacionais? Como preparar professores de Português e de outras línguas para ensinarem vocabulário promotor da paz comunicativa? Como preparar comunicativamente policiais e outros responsáveis por nossa segurança pública, comunitária, à luz desse direito comunicativo fundamental?

Em suma, que meu novo apelo,



transmitido através desta revista humanizadora, promotora do amor ao próximo comunicativo, possa inspirar ações cooperativas de leitores e instituições que compartilhem a crença de que precisamos saber exercer e assegurar o direito comunicativo fundamental, como verdadeiros agentes da paz em nossa comunicação cotidiana. Que você contribua, caro(a) leitor(a)!

Francisco Gomes de Matos, professor no Departamento de Letras, CAC, UFPE. Membro da Comissão de Direitos Humanos Dom Helder Câmara. E-mail: fcgm@hotmail.com.br

Momento único na história

José Maria Vigil

"Senhor, nós vos pedimos por aqueles que vivem sob o mesmo céu, seja qual for a raça deles, pois somos todos irmãos, seja qual for a religião, sejam quais forem os nossos costumes éticos, nossas tradições ou posição social"

(Ângelo Roncalli, depois João XXIII, em 1º/9/ 1939, na Catedral de Istambul, às vésperas da 2ª Guerra Mundial).

Na última edição, iniciamos a unidade, intitulada: "Situação nova do Pluralismo religioso"; hoje continuamos este tema.

Os meios eletrônicos de comunicação (e-mail, internet) muito mais que um "caminho da informação", são uma grande praça, que serve de foro, de agora, de mercado, lugar de encontro, de convivência e de lazer... Uma praça que é já referência obrigatória nesta "aldeia global" em que vivemos, como o era a da frente das igrejas em nossas cidades do interior. Os que lá iam, conviviam, conheciam-se, faziam a vida social, e participavam das opiniões e das decisões coletivas; hoje, aqueles que não freqüentam esta outra praça, automarginalizam-se da vida social...

Pois bem, estes meios eletrônicos de âmbito mundial também criaram a possibilidade de um encontro inter-religioso mundial. "O instrumento unificador dos sistemas eletrônicos de comunicação de âmbito mundial cria o fórum para o encontro global da diversidade religiosa. Já não podemos mais evitar o encontro inter-religioso. As outras religiões tornam-se próximas no encontro com nosso vizinho. Elas já não podem mais ser tratadas como sistemas de crença abstratos representados em culturas

estrangeiras e práticas religiosas executadas a uma distância segura em terras longínquas. Têm rostos humanos, os rostos dos nossos vizinhos" (Schwöbel, Christoph. *Encontro inter-religioso e experiência fragmentária de Deus*. (in Concilium 289-2001/1, p.114).

Somos a primeira geração em toda a história da humanidade que se encontra nesta situação. É a primeira vez que uma grande parte da Humanidade vive num ambiente religioso realmente plural. A consciência da nova geração tem que se haver com uma oferta de sentidos (culturais e religiosos) não somente plural, mas enormemente plural e, certamente, não convergente nem harmonizada, mas de um pluralismo simplesmente justaposto, sem ordem nem diálogo interno (até agora). É uma "verdadeira revolução na consciência religiosa da Humanidade; estamos vivendo um momento da história em que o acesso às diferentes religiões tem uma amplitude e uma profundidade sem precedentes" (ARTHUR, Chris. *Religious Pluralism. A Metaphorical Approach*, The Davies Group, Aurora, Colorado, 2000. p.1).



Fotos: Arquivo

Teoria e prática

As religiões não são teorias, mas pessoas que acreditam, pessoas de carne e osso. Podemos ver a transformação e o influxo que a religião tem em sua vida, em sua santificação inclusive. É isso que nos dá um "conhecimento vivencial" dessas religiões, muito mais influente que o conhecimento teórico, dado nos livros de suas doutrinas ou teologias.

Em alguns ambientes, isso já é uma realidade: por exemplo no mundo juvenil universitário. Filhos livres e inquietos de uma geração que esteve

acostumada a respostas feitas e herdadas, filhos, simultaneamente, dos meios de comunicação (diante dos quais terão passado mais horas do que diante de seus pais), já não aceitam, espontaneamente, delineamentos monoreligiosos que são apresentados assim "porque sim", diante de qualquer esboço ético ou filosófico sobre a outra vida, perguntam qual é a resposta de outras religiões; querem comparar, talvez queiram escolher o melhor.

Não se sentem já presos, espontaneamente, a uma religião que seria para eles "a" religião. Sentem-se, de alguma maneira, sem "vínculo oficial" a uma religião concreta, pessoas livres que não se sentem pertencentes a um mundo de uma religião, mas a um mundo plurireligioso, diante do qual podem exercer sua responsabilidade de escolher religião, para posicionar-se assim na história frente à realidade e a verdade. A perspectiva do Pluralismo Religioso entrou já, sem dúvida, na consciência da geração mais jovem (DAVIS, Charles. *Christ and the World Religions*, Herder & Herder, New York, 1971, p.25).



Causas dessa situação

São quatro os grandes fatores causadores da atual situação de Pluralismo Religioso, na ótica de Jean Claude Basset: "O interreligioso é, ao mesmo tempo, um fenômeno social e cultural. No sentido social, trata-se da interação de *minorias* religiosas importantes e ativas (uma situação que caracteriza o subcontinente índio desde há muito tempo, como também a Europa ocidental contemporânea, com a presença de milhões de muçulmanos e de comunidades budistas, hindus ou siques, jun-

Essa mesclagem de sociedades com suas culturas e religiões e que se faz presente, interpenetrando-se e enchendo-se de Pluralismo Religioso, é um fenômeno novo (a novidade está nas dimensões mundiais) e, nesse sentido, apenas começa. Não se sabe o que isso vai dar. Não sabemos como serão o homem e a mulher, crianças de hoje, crescidas dentro desse Pluralismo Religioso que veio para ficar.

to a cristãos e judeus), trabalhadores emigrados, refugiados políticos, estudantes, executivos da vida econômica e política; há também a multiplicação dos *casamentos* mistos em sentido religioso e a formação religiosa das crianças; existe ainda a divulgação de informações e de programas religiosos diferentes nos meios de *comunicação*" (BASSET, Jean-Claude. *El diálogo interreligioso*. Desclé, Bilbao, 1999, p.7).

Desafios

Tal situação provoca desafios, sobretudo, inicialmente, na geração que



Templo budista em Chiang Mai, Tailândia.

nasceu num contexto de uma única religião e além disso exclusivista: "a visão do mundo coerente e segura se encontra abalada quando contata com outras perspectivas, a escala de valores estabelecida sofre a idoneidade de outros valores e de outras normas. Não somente aumenta o campo dos conhecimentos, mas passa-se a questionar a própria noção da verdade. A filosofia ocidental passa a ser uma corrente de pensamentos entre outras, como a muçulmana, a hindu, a chinesa, etc." (Ib.).

Essa mesclagem de sociedades com suas culturas e religiões e que se faz presente, interpenetrando-se e enchendo-se de Pluralismo Religioso, é um fenômeno novo (a novidade está nas dimensões mundiais) e, nesse sentido, apenas começa. Não se sabe o que isso vai dar. Não sabemos como serão o homem e a mulher, crianças de hoje, crescidas dentro desse Pluralismo Religioso que veio para ficar. Todavia, não podemos fazer as reflexões daqui a trinta anos, quando uma nova geração, nascida e criada nesse novo ambiente, tome a palavra e divida conosco >>>



Senhora da Europa

Roque Vicente Beraldi

tados pelos espanhóis. Para comemorar, esculpiram uma imagem de Nossa Senhora.

No extremo meridional da Espanha, onde se localiza o Estreito de Gibraltar, entre a Espanha e Marrocos, encontram-se os montes de Abila e Calpe. Aqueles montes foram chamados posteriormente de colunas de Hércules — o mais célebre dos heróis da mitologia grega. No Calpe, ergueram um santuário para perpetuar a gratidão popular à mãe de Deus, a Senhora da Europa.

Dom Giovanni Montini, (Paulo VI), quando arcebispo de Milão, abençoou uma estátua da Virgem Maria da Europa, que estava destinada a ser instalada no alto do Pico de Campodoline, a uma altura de 1.800 metros, como sinal da bênção sobre o povo europeu.

Houve romarias, e até um selo comemorativo, impresso em 1966.

Mais uma vez, vemos cumprida a profecia de Nossa Senhora que disse: "Chamar-me-ão bem-aventurada". Por que tanta distinção? Do mesmo modo como houve profecias e muitas figuras anunciando Jesus, também, de Maria são en-

contrados prévios anúncios e, posteriormente, sinais. É que Nossa Senhora teve grande importância no plano da Salvação e conseqüentemente na religião cristã. É por este motivo que Deus nosso Senhor fez que ela, juntamente com Cristo, fosse anunciada e prefigurada no Antigo Testamento, e engrandecida na era cristã. Ela continua a amparar aqueles que, convictamente proclamam Jesus Salvador. Para merecermos sua contínua proteção, dirijamos-lhe a seguinte

ORAÇÃO

Senhor Deus todo-poderoso, que nos fizeste chegar ao começo deste dia, salva-nos hoje com o teu poder, para não cairmos em nenhum pecado e fazermos sempre a tua vontade como fez Maria, padroeira da Europa e do Mundo, para que nossos pensamentos, palavras e ações sejam de teu agrado. Amém.

Pe. Roque Vicente Beraldi é missionário claretiano.

O território compreendido entre o mar Glacial Ártico, ao norte, o Oceano Atlântico a oeste, os mares Mediterrâneo, Negro, Cáspio com a Cordilheira do Cáucaso, os montes e o rio Ural a leste, constitui a Europa.

A Mauritânia era uma antiga região da África Setentrional, entre a Tunísia, Argélia e Marrocos. Seus habitantes não batizados e que não professavam a fé cristã, eram chamados de mouros ou sarracenos. Na Idade Média, dava-se também este nome aos árabes. Eles invadiram a África e, pelo Gibraltar, a Europa.

Em 1492, os mouros foram derro-

>>> a maneira como vê o mundo, a partir de sua nova experiência, inimaginável para nós que nascemos e fomos formados em outro ambiente, não de Pluralismo Religioso, mas de singularidade cultural e religiosa.

Enquanto amadurece essa geração, que apenas balbucia as primeiras palavras, podemos refletir, dentro dos limites da visão que temos, sobre os questionamentos com que esta situação nos desafia e nos sacode.

A Humanidade, as mais de 800 gerações humanas que se diz terem

pisado neste planeta, viveram, convencidas sempre de que a realidade era de UMA forma determinada, da maneira pela qual sua cultura e sua religião a descreviam e apresentavam. De maneira mais simples, digamos que a presente geração convive, permanentemente, com todas as religiões e culturas, chamadas "universais", que competem entre si, apresentando suas ofertas de conteúdo.

Uma mudança substancial acaba de se dar na história da Humanidade. Está acontecendo, agora, e dele somos tes-

temunhas. Que repercussões terá ou está tendo este fenômeno? Que transformações vai implicar ou exigir das próprias religiões? Essa mudança dá medo? Em quem? Olhada com olhos religiosos, poder-se-ia dizer que esta situação poderá ser uma grande oportunidade, um desafio de Deus às religiões, um "kairós", ou seja, um tempo oportuno ditado pela Providência Divina?



Jose Maria Vigil é missionário claretiano no Panamá, coordenador da Agenda Latino-americana Mundial.



Juan Diego (1474-1548)

Padroeiro dos indígenas da América

3
junho

O papa João Paulo II visitou o México, pela quinta vez, para canonizar o beato Juan Diego, em 31/7/2002. A figura daquele santo índio está intimamente ligada ao aparecimento de Nossa Senhora, em Guadalupe, em 12 de dezembro de 1531.

Juan Diego nasceu, em 1474, em Cuauhtitlan, México. Casou-se com Maria Lúcia, outra cristã, de quem ficou viúvo logo depois. Seu nome era Cuauhtliltoadzin; batizado com 50 anos de idade, mudou o nome para Juan Diego, segundo o hábito dos missionários. Seu batismo foi fruto de convicção profunda, que mudou seu modo de vida. O missionário responsável pela evangelização dessa tribo foi o franciscano Frei Toribio de Benavente. Juan Diego fazia um percurso de 20 km, na ida e volta, para participar da santa Missa em Tlatelolco. Aproveitava as celebrações para aumentar sua instrução religiosa e, ao mesmo tempo, venerar a Virgem Mãe de Jesus. Isto revela a profundidade da fé de Juan Diego, conhecido como homem piedoso, de intensa espiritualidade. Morreu no dia 3/6/1548, com 74 anos de idade.

Mensagem dos bispos mexicanos

"Para todos os mexicanos, o acontecimento guadalupano constitui um horizonte para a nossa cultura e identidade como povo. Contudo, devemos reconhecer que, para os povos indígenas, ele se reveste de uma importância particular, porque, na mensagem de Nossa Senhora, Santa Maria de Guadalupe, o índio é o protagonista. Aquela que pede para "falar em seu nome" diz-lhe que ele é seu "embai-

xador muito digno de confiança" e que deseja construir a sua pequena casa onde subsistem as lamentações do povo, para dali poder "escutar as suas misérias, os seus sofrimentos e as suas dores", porque quer "pôr remédio a tudo isso", e o seu amor é destinado a todos os habitantes destas terras.

A mensagem guadalupana reivindica o lugar do pobre e do marginalizado na edificação de uma nação mais justa e fraterna. Deus manifesta-se no



Fotos: Arquivo

pobre, para exortar todos a construir uma nova sociedade, onde todos sejam escutados e incluídos. Nos dias de hoje, a Igreja realça a importância de construir cada comunidade a partir da comunhão eclesial, da solidariedade e da fraternidade. Nesta tarefa muitos agentes de evangelização, sobretudo índi-

genas, realizaram um papel de protagonistas; expressamos-lhes o nosso agradecimento porque eles mantêm viva a esperança dos povos.

Todavia, no cenário nacional contemporâneo, assistimos com preocupação à crescente marginalização de muitos irmãos e irmãs pobres, entre os quais os indígenas; impõe-se gradualmente a idéia de que "fora do livre mercado não existe salvação". As forças que estão modificando a relação entre os direitos e os deveres em nível internacional são os tratados de comércio e de investimento, que concedem amplos direitos aos investidores estrangeiros sem implicar, em contrapartida, iguais deveres em relação aos países destinatários dos investimentos.

O planejamento do progresso a longo prazo e dos projetos de investimento nas regiões com forte presença indígena, como o sudeste do México, é, às vezes, realizado por organismos financeiros internacionais, com escassa participação dos empresários locais e sem ter em consideração a voz das comunidades indígenas. A nação mexicana tem uma dívida em relação aos povos indígenas, que consiste em criar um novo relacionamento entre os governos, as sociedades e os povos indígenas, assente sobre o respeito e a participação. Por conseguinte, como Igreja desejamos voltar a confirmar nosso compromisso com os indígenas...

...Confiamos os nossos esforços ao Deus da Vida, que quer dar-nos a todos a Vida em abundância. Confiantes no seio de nossa Santíssima Mãe de Guadalupe, desejamos continuar a acompanhar o nosso povo à procura de melhores condições de vida".

Maria no Apocalipse

Geraldo Araújo Lima

(Ap 12,1-17)

Quem é esta mulher?

Um sinal grandioso apareceu no céu: uma mulher vestida com o sol, tendo a lua sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas; estava grávida e gritava, entre as dores do parto, atormentada para dar à luz (Ap 12,1-2).

Segundo um bom número de teólogos e exegetas, essa mulher simboliza em primeiro lugar e diretamente a Igreja do povo de Deus, tanto do Antigo Testamento como do Novo; porém, indiretamente, simboliza também a Virgem Maria. De que maneira? (Veja quadro).

A - a mulher **entre as dores do parto** é Maria junto à cruz, dando à luz a Igreja no meio dos sofrimentos da paixão: *Mulher? eis aí o teu filho! Filho, eis aí a tua mãe* (Jo 19,26-27);

B - a mulher **coroada de doze estrelas** é Maria, rainha dos Patriarcas e Profetas (= as doze tribos de Israel), e também rainha dos doze Apóstolos, representados, no Calvário, pelo discípulo João;

C - a mulher **vestida com o sol** é Maria **cheia de graça**, envolvida pela complacência e favor misericordioso de Deus por causa da missão única e excelsa a que foi chamada;

D - a mulher **grávida para dar à luz** é Maria dando à luz, em Belém, o Filho do Altíssimo, que reinará na casa de Jacó para sempre, e o seu reinado não terá fim (Lc 1,33; Ap 12 5);

E - a mulher **atormentada, levada por Deus para o deserto por causa da perseguição do dragão** (Ap 12,4-6), é Maria, membro e mãe de uma

Quem é este dragão?

Apareceu outro sinal no céu: um grande Dragão, cor de fogo, com sete cabeças e dez chifres... O Dragão colocou-se diante da Mulher que estava para dar à luz, a fim de lhe devorar o Filho, tão logo nascesse (Ap 12,3-4).

O próprio autor do Apocalipse se encarregou de identificar o dragão: *o grande dragão é a antiga serpente, o chamado diabo ou satanás? sedutor de toda a terra habitada; foi expulso para a terra, e seus anjos foram expulsos com ele (Ap 12,9).* Está em aberta hos-

tilidade com a mulher. Primeiro, quer devorar-lhe o Filho, apenas nascido. Falhando essa primeira tentativa, persegue a mulher vomitando atrás dela um rio de água (Ap 12,13-15); enraivece contra ela e, por fim, move guerra contra o resto da sua descendência, contra os que observam os mandamentos de Deus e mantém o testemunho de Jesus (Ap 12,17).

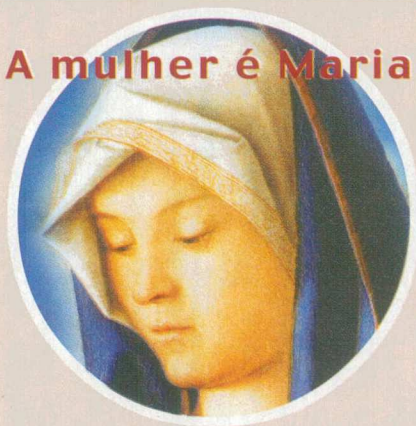
Todavia, pergunta Frei Carlos Mesters: "Concretamente, quem é este dragão?... Naquele tempo, o povo de Deus estava sendo perseguido pelo governo do Império Romano. Assim como Herodes tinha perseguido o menino Jesus, assim o imperador romano perseguia os cristãos. O Império Romano queria destruir a Igreja que estava nascendo no meio do povo pobre. Mas os cristãos não desanimavam. Sofriam muito, mas achavam que o sofrimento era dor de parto, começo de nova vida. Sabiam que Deus estava com eles, do jeito que ele tinha estado com Maria, quando esta teve de fugir de Herodes. Para eles, a situação estava clara: o bicho feroz que tinha recebido o seu poder do dragão da maldade (cf. Ap 13,1-3) era o imperador romano".

Aliás, a identificação do dragão com o Império Romano é feita, de maneira elegante, pelo próprio texto apocalíptico: *Aqui é necessário a inteligência que tem discernimento: as sete cabeças do dragão são as sete colinas sobre as quais a mulher (= a cidade de Roma) está sentada (Ap 17,9).* Evidentemente, há séculos que Roma é conhecida como a cidade das sete colinas!



Geraldo Araújo Lima é sacerdote, mestre em Teologia Bíblica; Convento do Carmo, Recife, PE.

A mulher é Maria



Igreja perseguida pelo mundo e socorrida por Deus; é Maria, co-participante do mistério de morte e ressurreição vivido pela Igreja apostólica;

F - a mulher, **vestida de sol, coroada de estrelas, tendo a lua sob os pés**, é Maria assunta à glória celeste; nela redimida na integridade de sua pessoa, a Igreja saúda as primícias e o penhor da glória perfeita, que será comunicada a toda criatura como fruto da salvação universal realizada por Cristo, o Emanuel - Deus conosco (cf. Ap 21,3-4).



Testemunhas do Evangelho

São Pedro e São Paulo, Apóstolos e Mártires

29 de junho

INTRODUÇÃO

Crer em Jesus significa ter entendido quem ele é, ter aceitado sua proposta de vida e confiar nele. Hoje, são-nos apresentadas as figuras de dois discípulos que, por caminhos diferentes, chegaram a crer nele.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura At 12,1-11

Pedro foi preso nos dias dos Ázimos. Embora isso pareça apenas um detalhe circunstancial, é proveitoso meditá-lo, pois Jesus também foi preso nos dias da festa dos pães sem fermento (cf. Lc 22,7).

Fermento, em sentido figurado, era tido como influência moral corruptora. Mateus coloca na boca de Jesus estas palavras: *Guardai-vos, com cuidado, do fermento dos fariseus e dos saduceus* (Mt 16,6). Paulo exortou os fiéis de Corinto a afastarem da sua comunidade o velho fermento (toda a maldade do paganismo) e a celebrarem a Páscoa com os pães ázimos de pureza e verdade (cf. 1Cor 5,7s).

Mas a missão de Pedro ainda não tinha terminado. Lucas narra como ele foi libertado, e volta a um tema, muito querido: a força da oração.

Se, de um lado, descreve as dificuldades por que passou Pedro, de outro, faz questão de sublinhar que a Igreja, diante daquela provação tremenda, permanecia em oração. Uma Igreja perseguida reza como Jesus e como Jesus recebe a força do Pai! Também quando Jesus orou no Getsêmani, foi confortado por seu Pai.

Há sempre uma resposta de Deus às nossas preces, mesmo que não a sintamos ou não se nos apresente como a imaginávamos. Como fundamental efeito da oração, brota em quem reza um sentimento de abandono nas mãos de Deus, fruto da presença do Espírito Santo (cf. Lc 22,43; 11,13)

2.ª leitura 2Tm 4,6-8.17-18

A Liturgia nos faz meditar nos testemunhos dos Apóstolos Pedro e Paulo, apresentando-os, em ambas as leituras, na prisão. Quer-nos mostrar que quem crê em Jesus não tem vida fácil, é perseguido. Mas o Espírito do Senhor permanece junto deles.

Poucos meses antes de morrer, Paulo escreve que já foi oferecido em libação. Não se apresenta como oferta principal, mas, humilde, compara-se ao óleo, água ou vinho que era derramado ou aspergido sobre as vítimas.

Para ele, sua oferta a Deus eram os fiéis conquistados para Cristo. A libação vinha a ser, pois, o sinal de sua total doação às almas.

Ao se ler a palavra: “conquistados”, poder-se-ia julgar que Paulo se elogiava por ter conseguido converter pagãos para a fé em Jesus Cristo. Sabemos que não é assim. Qualquer dúvida, porém, é desfeita: *o Senhor me assistiu e me deu forças* (v.17).

O final das duas leituras é semelhante. Na primeira, Pedro afirma: ...o

Senhor me livrou!; na segunda, Paulo escreve: ...*o Senhor me salvará!*

Pedro e Paulo mostram-nos com que dedicação, desinteresse, amor e coragem deve ser desenvolvido o ministério do anúncio do Evangelho!

Evangelho Mt 16,13-19

Pedro encontrou Jesus, pela primeira vez, às margens do lago da Galiléia, e, para começar, soube apenas que era um carpinteiro, vindo de Nazaré. Depois, entendeu que podia fazer alguma coisa junto com o grande profeta. Por fim — narra-nos o evangelho de hoje —, reconheceu-o como *o Cristo, o Filho do Deus vivo*.


Belas palavras! Mas Pedro, na mente e no coração, continuava cultivando os seus sonhos terrenos, não os do Messias de Deus. Jesus o chamou de “pedra da sua Igreja”, mas, logo depois, definiu-o como “pedra de escândalo” porque não pensava conforme Deus, mas de acordo com os homens. Pedro só foi entender isso, depois da Páscoa.

Se fôssemos nós, teríamos destituído Pedro da chefia da Igreja e colocado outro mais “afinado” com o plano de um Messias espiritual. Após, então, ter negado o Mestre, por três vezes, certamente o substituiríamos.

Jesus agiu com Pedro da maneira que nos ensinou: perdoou-o! Pedro jamais o esquecerá: ...*o Senhor usou de paciência para conosco* (2Pd 3,9).

Como nossos filhos, empregados, alunos, esposos nos agradeceriam se lhes déssemos também novas chances e, a exemplo de Cristo, não nos “cansássemos” de seus erros!

REFLEXÃO

Acreditamos na oração, mesmo quando, aparentemente, não vemos resultados? Como agimos com quem erra? “Queimamos” a pessoa, sem lhe dar nova oportunidade? 



A força de Deus se manifesta na fraqueza

14.º domingo do Tempo Comum
6 de julho

INTRODUÇÃO

No batismo, recebemos o Espírito de Deus que nos elevou à dignidade de profetas. Mas o que isso significa em nossa vida?

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Ez 2,2-5

Ezequiel ensina que profeta não é anjo. Diz a Escritura Sagrada que é um “filho de homem”, fraco, com todos os defeitos, fraquezas, pecados, exatamente como nós. Portanto, não são suas qualidades que o fazem ser profeta, mas o chamado de Deus.

Sua missão é emprestar a boca a Deus. Por isso, tem de prestar muita atenção ao que Senhor lhe diz, no coração, para, depois, transmiti-lo aos outros, com fidelidade.

A primeira conseqüência disso é que a mensagem a ser transmitida não é do profeta, mas de Deus. Portanto nada acrescentar, nada omitir. A segunda é que se alguém zombar dele e não quiser prestar atenção ao que diz, o ofendido não será ele, mas o próprio Deus. Terceiro, ele não deve se preocu-

par com os resultados da sua missão.

Por força de nosso batismo, devemos comunicar a palavra de Deus a nossos irmãos: aos filhos, aos vizinhos, aos colegas de trabalho, à comunidade, não só com palavras, mas com a vida.

Para conseguirmos cumprir essa missão, devemos nos manter em piedosa escuta da mensagem de Deus e deixar, primeiro, que ela penetre em nosso coração, para, depois vivenciá-la com destemor.

2.ª leitura 2Cor 12,7-10

Paulo, profeta de Deus, diante dos bons resultados, deixou escrito que não podia se envaidecer, porque era a graça de Deus que mudava os corações.

A expressão do versículo 7: “agulhão, ou espinho na carne” que, em sentido literal, seria alguma doença corporal, é explicada pelo v. 10: as dificuldades encontradas em seu trabalho.

Deus lhe fazia compreender que não devia pedir a eliminação das dificuldades, mas só a graça de superá-las; porque se Paulo, em sua fraqueza, saía vencedor, ficava evidente que era a força de Deus que assim o fazia e não, o Apóstolo. Daí, a conclusão, à primeira vista, desconcertante: *Pois, quando sou fraco, então é que sou forte.*

Há pessoas, na comunidade, que dedicam aos outros, graciosamente, seu tempo, suas energias e até seu dinheiro. Mas se tornam alvo de críticas injustas por causa de invejas, de ciúmes, de incompatibilidade de gênios ou de idéias. Isso é um espinho doloroso, mas que Deus não arranca. Ele não elimina, milagrosamente, as diferenças, mas comunica sua força para superá-las.

Evangelho 6,1-6

Os habitantes de Nazaré cometiam o equívoco de pensar que, para realizar seus projetos, Deus precisasse daqueles instrumentos que consideravam indispensáveis.

Seus antepassados lhes tinham ensinado que Deus era um rei forte e poderoso; retribuía com bênçãos, benevolências, boas colheitas e sorte na vida aos que lhe eram fiéis; e enviava, ao invés, tribulações aos que transgrediam seus mandamentos.

Deveria ser um guerreiro invencível, sempre disposto a mostrar sua força. Manifestaria entre os povos seu poder e quando decidisse libertar seu povo, interviria com mão poderosa e com braço forte.

Para isso, deveria ser um guerreiro forte e valente como Davi, um rei sábio como Salomão, e não um humilde artesão que, durante 30 anos, não fizera outra coisa senão arrumar portas e janelas e fabricar enxadas e arados.

Nós também temos a convicção de que, com recursos fracos, são obtidos resultados insignificantes, no campo espiritual. Não são ainda numerosos os que sonham — nós, inclusive — implantar o reino de Deus, servindo-se dos meios, considerados pelo mundo como eficazes, a saber: dinheiro, posição, apoio político?

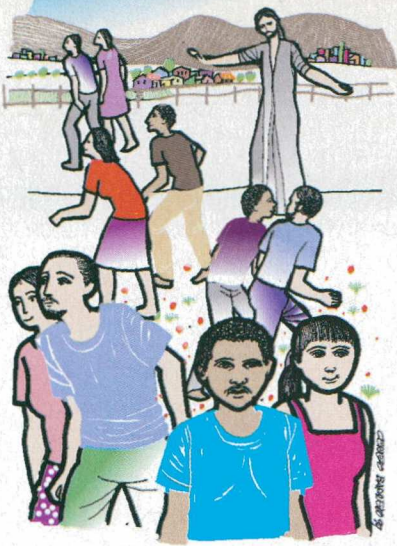
Para todos nós, ainda é tão difícil aceitar Jesus assim como ele é, tão “desprovido de força e poder”!

Por que Jesus continua fraco diante da recusa dos seus contemporâneos? Porque não impõe a sua salvação, somente a propõe.

Pode ser percebida só por aqueles que nele têm fé, por aqueles que acreditam que o poder e a vitória de Deus passam pela fraqueza e pela aparente derrota.

REFLEXÃO

Estamos convencidos de nossa vocação de profetas? Sabemos reconhecer a mão de Deus, nas dificuldades e revezes? Estamos também junto com seus discípulos que aderiram à sua palavra, à nova lógica do reino de Deus?



Anúncio do Evangelho e bens materiais

15º domingo do Tempo Comum
13 de julho

INTRODUÇÃO

O que acontece quando não levamos conosco somente a palavra de Deus, mas carregamos, junto, ídolos?

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Am 7,12-15

Encontramos nesta leitura dois personagens: Amasias, o sacerdote de Betel, regidamente bem pago, repleto de favores e de privilégios, e Amós, o pastor rude e pobre. Comparando os dois, o primeiro é o homem do momento, aclamado e respeitado. Ocupa uma posição de prestígio, é amigo dos poderosos.

Não obstante, não deve ser alvo de nossa inveja: tem tudo, mas não é livre; a qualquer momento, pode ser chantageado pelo rei, que lhe dá o sustento, mas também o pode deixar sem ele. Deve mostrar submissão e deferências absolutas, deve estar sempre disposto a adular e a acobertar as trapaças políticas do seu protetor e fazer de conta que não sabe de suas maldades.

Amós é pobre, mas independente: pode falar tudo o que pensa, porque não tem nada a perder, não tem inte-

resses escusos a defender, não deve nada a ninguém.

Quem anuncia a palavra de Deus não deve ter nada que pese, deve ser leve e desembaraçado de interesses humanos. Deve ser condicionado exclusivamente pela verdade, a fidelidade a Deus, que o escolheu.

Como profetas, devemos cuidar para que a palavra de Deus, que transmitimos, também com nossa vida, não se confunda com os meios humanos: dinheiro, dominação, privilégios.

Uma entrega filial nas mãos de Deus, como o fez Maria Santíssima diante da missão de ser mãe de Deus, é o melhor caminho.

2.ª leitura Ef 1,3-14

Papel do profeta é também denunciar na Igreja o possível abandono do caminho da verdade. Um deles, sem dúvida, é o desvio pelo preconceito e pela distinção de pessoas.

Nesta carta aos efésios, Paulo comemora o fato de os judeus e pagãos terem todos recebido, sem diferenciação, o mesmo Espírito (v.13).

Somos, hoje, no mundo, as testemunhas desta unidade e desta paz entre todos os povos. É bem verdade que existem mil razões que explicam nossas divisões: há barreiras constituídas por diferenças de nacionalidades, de raças, de tribos, de mentalidades e de comportamentos. Contudo, não obstante esses obstáculos, devemos estar em condições de mostrar ao mundo que o amor de Cristo consegue derubar todos os muros que nos separam.

Da mesma forma que os primeiros cristãos, também somos convidados a entoar esse hino de bênção. Ao nosso redor, surgem guerras, calamidades naturais, epidemias, infortúnios. Não obstante, continuemos sempre manifestando nossa confiança em Deus, porque temos a certeza de que ele está realizando seu plano de amor.

Evangelho Mc 6,7-13

Jesus não despreza os bens deste mundo, não apresenta a miséria como um ideal de vida, mas alerta para o perigo de nos deixarmos condicionado pela posse de bens materiais.

O desapego que ele ensina implica não somente a renúncia a uma carga pesada de bens materiais, mas também o abandono de preconceitos, às quais muitas vezes estamos amarrados de uma forma emocional e irracional.

Jesus aconselha os seus discípulos a permanecer na primeira casa. Ou seja, exige deles um testemunho de vida austera, sóbria, isenta de qualquer ostentação de luxo.

E quando forem expulsos? O que significa sacudir a poeira dos seus pés? Não é, como poderia parecer, uma atitude de desprezo, mas uma orientação para não insistirem. Devem respeitar a liberdade dos outros. Estar conscientes de serem enviados para levar uma proposta e não para impor doutrinas. Sua missão não é converter muita gente, mas anunciar com fidelidade a palavra de Jesus. A aceitação ou recusa, não dependerá deles, mas do 'terreno' onde foi lançada a semente.

À luz do evangelho de hoje, procuramos identificar as cargas inúteis das quais nosso Mestre quer que nos aliviemos.

Tentemos perguntar-nos quais fatores ainda persistem e impedem-nos de alcançar maior eficiência em nossa família ou comunidade. O que pode estar causando irritação, má vontade ou até mesmo afastamento de nossos filhos e familiares?

REFLEXÃO

Falamos sempre toda a verdade da doutrina de Cristo? ou nos deixamos levar por preconceitos? Fugimos do fanatismo, respeitando as posições diversas das nossas?



Servidores do rebanho, não senhores

16.º domingo do Tempo Comum
20 de julho

INTRODUÇÃO

Os pastores de Israel não cuidaram do povo. Em vez de servir ao rebanho, apascentavam-se a si mesmos!

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Jr 23,1-6

Através de Jeremias, Deus censura a conduta dos chefes de Israel, os reis do tempo daquele profeta. Em seguida, dirige-se ao povo desalentado e transmite-lhe coragem.

Garante-lhe que não irá abandoná-lo. Ele mesmo irá tomar conta das ovelhas e as reconduzirá às pastagens das quais foram arrancadas com violência.

Aplicando esta passagem ao nosso Salvador Jesus, o Salmo 22, que vem logo a seguir como meditação da Palavra, adquire um valor extraordinário: *Em verdes pastagens o Senhor me fez repousar. Para as águas tranqüilas me conduz e restaura minhas forças; ele me guia por bons caminhos, por causa do seu nome. Ainda que eu caminhe por um vale tenebroso nenhum mal temerei, pois estais junto a mim!*

Em nossos dias, convivemos com

situações injustas, violências, opressões, vindas de autoridades que abusam de seu poder e cometem injustiças. Tudo isso nos revolta.

Mas nós também, quando somos chamados a exercer alguma parcela de mando, como agimos? Talvez usemos o cargo para impor nossa vontade, excluindo os que pensam diferente de nós, ou para beneficiar os membros de nossa família e da nossa região. Na nossa família, não sabemos dialogar, mas exigimos que todos se submetam às nossas ordens. Se for assim que agimos, somos maus pastores.

2.ª leitura Ef 2,13-18

Cristo — escreve São Paulo — mostra-se como nossa paz. De fato, Deus, por meio da cruz de Cristo, anulou toda inimizade e divisão entre os homens.

Pelo batismo, tornamo-nos irmãos uns dos outros. Incorporamo-nos em Cristo, formando um só corpo, místico, sem dúvida, mas nem por isso menos real. Tanto assim que Cristo disse que se tratássemos bem uma simples criança, seria como se o fizéssemos a ele (cf. Mc 9,37).

Quem chefia os outros deve exercer essa missão com o sentimento que Cristo recomendou: quem for o maior, seja como quem serve. E o exemplo clássico foi o do lava-pés: *se eu, vosso Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns dos outros*, ou seja, deveis servir-vos mutuamente com toda a humildade (cf. Jo 13,13).

Quais os muros que nos impedem de ver em cada ser humano, mesmo o que não é de nosso grupo ou que não pensa como nós, um irmão que deve ser amado e servido?

Evangelho Mc 6,30-34

Os Apóstolos se reúnem com o Mestre e avaliam junto com ele o que

fizeram. Representam a comunidade que se mantém em permanente contato com o seu Senhor.

Marcos quer evitar que sua comunidade faça planos, elabore programas e tome decisões sem o Mestre.

Acontece também conosco que tomemos iniciativas, envolvamo-nos em muitas atividades, desempenhemos uma variedade muito grande de tarefas mas, às vezes, fazemos tudo seguindo nossos próprios impulsos, e nos esquecemos de entrar em sintonia com a própria família, como nossa comunidade e, sobretudo, com a palavra do evangelho.

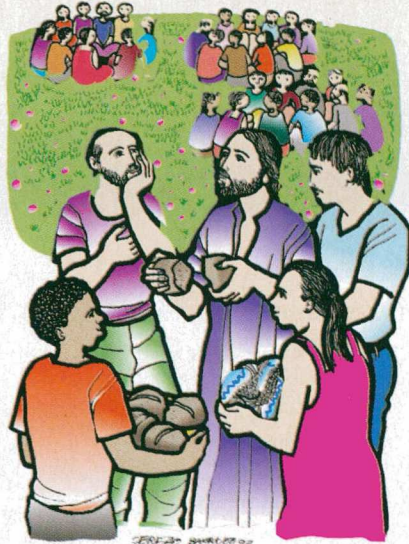
Isso acontece porque não aprendemos a manter a calma, a paciência e a coragem de parar um pouco para meditar junto com Cristo, para rezar — com a *Bíblia* nas mãos —, para avaliar com ele o que planejamos fazer e o que foi feito.

Diante da multidão desorientada, Jesus sente uma profunda compaixão. Temos os mesmos sentimentos que Jesus teve em relação aos homens de nosso tempo? Talvez nos limitemos a condenar os que erram, a ofender os que demoram a se adaptar às nossas idéias.

O Mestre não age assim. Não profere palavras agressivas, mas senta-se ao lado das pessoas e dialoga com elas. Procura, primeiro, entender os problemas e as situações em que se encontram. Somente depois, começa a instruí-las com perseverança e paciência.

REFLEXÃO

Vivemos em família, planejando com os outros ou impomos nossos caprichos sem aceitar opinião contrária? Se temos poder de mando, servimos aos outros ou nos servimos do cargo em proveito próprio? O que pretendemos fazer está, ou não, em conformidade com o evangelho?



Para que ninguém mais sinta fome

17.º domingo do Tempo Comum
27 de julho

INTRODUÇÃO

Radial Leste, São Paulo. Na calçada, passa uma mendiga com sete filhos pequenos. A mais velha carrega nas costas a mais novinha. Detalhe: sopra um vento frio cortante e a criança está sem roupa. De um dos carros salta o motorista e lhe entrega um agasalho de seu filho. Isto é partilha!

1.ª leitura 2Rs 4,42-44

Quantos e quantos de nós usamos os mesmos subterfúgios do servo do profeta Eliseu para não partilhar: *como vou distribuir tão pouco para tanta gente* — defendemo-nos. E aí, não fazemos nada.

Esquecemo-nos de como nasceram as grandes obras de caridade. Pense-se no trabalho de inúmeros santos que começaram por atender a *uma* pessoa e aquele gesto foi a semente abençoada pelo Senhor que cresceu em imensas árvores de amor ao próximo, até em outras terras!

“É que nos falta a fé para reconhecer que também Jesus se fez faminto (o Faminto) para podermos saciar sua fome de amor humano. Ele o diz, de

um modo bem explícito: Tive fome e me destes de comer, estive despojado, nu e me vestistes, estive doente e cuidastes de mim; estive sem lar e me acolhestes... (cf. Mt 25,36).

Esta é a fome de Deus por nosso amor humano, pela solicitude de todos nós, pelo calor humano, pela alegria humana de amar e de tocar... Por isso, ele se fez homem: para ser amado por mim e por você” (Madre Teresa de Calcutá).

2.ª leitura Ef 4,1-6

Paulo fundamenta essa caridade, que devemos ter uns com os outros, no nosso batismo. Por aquele sacramento, somos todos iguais. Mesmo que tenhamos cargo de chefia, devemos exercê-lo como quem serve, a exemplo de Cristo.

É este o sentido da recomendação do Apóstolo: Exorto-vos a andardes de modo digno da vocação com que fostes chamados: com toda a humildade (v.1-2). Ser humilde não significa “apagar-se”, inútil — muito cômodo para nossa disfarçada preguiça —, mas estar disposto a “arregaçar as mangas” e colocar-se “a serviço” dos irmãos.

Humildade tem também o sentido de busca da união. Ora, isso supõe cultivo do perdão, que, por sua vez, pede generosidade, mansidão e paciência.

Nosso grande exemplo é Cristo crucificado: *Ele é nossa paz... derrubou o muro da separação... na cruz, matou a inimizade* (Ef 2,14-16). Sabemos que o autor se referia à união dos judeus convertidos com os pagãos que haviam também recebido o batismo, numa só Igreja. Mas o importante é a lição de vida.

Para criarmos uma comunidade de paz, uma família, o caminho é o mesmo: a paz de Cristo, operosa, difícil, diferente da outra paz dada pelo mundo, sinônima de egoísmo.

Evangelho Jo 6,1-15

De novo, repete-se a situação de nossa 1.ª leitura. Agora, é André, irmão de Simão Pedro, quem pergunta: *O que é isto para tantas pessoas?*

Em Lucas, encontramos esta proposta dos Apóstolos a Jesus: *Despede as turbas, para que vão pelas aldeias e sítios da vizinhança e procurem alimento e hospedagem* (9,12). Em palavras mais simples: que cada um se vires!

Não é essa a solução de Jesus. O egoísmo, a preocupação exclusiva consigo mesmo e com as próprias necessidades é exatamente o contrário da proposta cristã. O gesto de Jesus não é para favorecer a preguiça, mas é, sobretudo, convite para a fraternidade, para a participação, para a renúncia a só possuir e guardar para si.

O pão de um só torna-se alimento para todos. O *mundo novo* despontará somente quando renunciarmos a manter entre nós relações fundadas no egoísmo, na competição, na ganância de domínio e de supremacia sobre os outros, e estabelecermos relações de partilha dos próprios bens, materiais ou não.

Por que não sermos simples e começarmos dividindo, por exemplo, nossas roupas, nossos calçados — que, freqüentemente, atravancam nossos gavetões e cabides —, e que seriam tão bem recebidos pelos maltrapilhos que andam de pés no chão?

Por que não administrarmos melhor nosso tempo e dividirmos nosso carinho com nosso esposo(a), com nossos filhos, que há tanto tempo nos pedem um pouco de atenção?

REFLEXÃO

Como nos posicionamos diante da necessidade alheia? Com desculpas que escondem nosso egoísmo? Ou com generosa coragem? Somos prontos para perdoar? Nosso amor aos irmãos é traduzido em gestos concretos?

Leituras semanais das missas de JULHO

13ª semana do Tempo Comum

1.º - terça: Gn 19,15-29 = Destruição de Sodoma. Sl 25. Mt 8,23-27 = Tempestade acalmada: Senhor salva-nos!

2 - quarta: Gn 21,5,8-20 = Isaac será herdeiro de Abraão. Sl 33. Mt 8,28-34 = Os dois endemoninhados e os porcos.

3 - quinta: S. Tomé, Apóstolo. Ef 2,19-22 = Estais edificadas sobre o fundamento dos Apóstolos. Sl 116. Jo 20,24-29 = Meu Senhor e meu Deus!

4 - sexta: Gn 23,1-4,19; 24,1-8,62-67 = Morte de Sara; casamento de Isaac e Rebeca. Sl 105. Mt 9,9-13 = Vocação de Mateus; Jesus com os "pecadores".

5 - sábado: Gn 27,1-5,15-29 = Isaac abençoa Jacó em lugar de Esaú. Sl 134. Mt 9,14-17 = Jejum quando se for o esposo; remendo novo, recipiente novo.



68. Mt 11,20-24 = Aviso de Jesus às cidades impenitentes: Ai de ti, Betsaida!

16 - quarta: Nossa Senhora do Carmo. Ic 2,14-17 = Alegria-te, filha de Sião, porque eu venho. Cânt.: Lc 1,46-55. Mt 12,46-50 = A mãe e os "irmãos" de Jesus.

17 - quinta: Ex 3,13-20 = Deus revela a Moisés seu nome de Javé. Sl 104. Mt 11,28-30 = Vinde a mim e eu vos aliviarei, e achareis repouso.

18 - sexta: Ex 11,10 — 12,14 = Instituição da Páscoa. Sl 115. Mt 12,1-8 = Espigas colhidas no sábado.

19 - sábado: Ex 12,37-42 = Partida dos israelitas, durante a noite. Sl 135. Mt 12,14-21 = Curas numerosas; proibição de divulgar.

14ª semana do Tempo Comum

7 - segunda: Gn 28,10-22a = Sonho de Jacó: a escada até o céu. Sl 90. Mt 9,18-26 = A filha do chefe (Jairo); a hemorroíssa.

8 - terça: Gn 32,22-32 = Luta de Jacó contra o "anjo" (Deus). Sl 16. Mt 9,32-38 = Compaixão de Jesus pelo povo que sofre.

9 - quarta: Gn 41,55-57; 42,5-7a. 17-24a = Tristeza e arrependimento dos irmãos de José. Sl 32. Mt 10,1-7 = Escolha dos doze apóstolos; instruções para a missão.

10 - quinta: Gn 44,18-21,23b-29; 45,1-5 = José consola seus irmãos. Sl 104. Mt 10,7-15 = Conselhos aos missionários.

11 - sexta: Gn 46, 1-7,28-30 = José encontra-se com seu filho José, no Egito. Sl 36. Mt 10,16-23 = Instruções sobre perseguições futuras: ovelhas entre lobos.

12 - sábado: Gn 49,29-32; 50,15-26a = Jacó e, depois, seu filho José, morrem paz. Sl 104. Mt 10,24-33 = Não tenhais medo daqueles que matam o corpo.



16ª semana do Tempo Comum

21 - segunda: Ex 14,5-18 = Triunfarei gloriosamente sobre o faraó — diz o Senhor. Cânt.: Ex 15,1-6. Mt 12,38-42 = O "sinal" do profeta Jonas.

22 - terça: Sta. Maria Madalena. Ct 3,1-4a = Procurei o amado de minha alma. Sl 62. Jo 20,1-2,11-18 = Mulher, por que choras? A quem procuras?

23 - quarta: Ex 16, 1-5,9-15 = Deus alimenta seu povo no deserto. Sl 77. Mt 13,1-9 = Parábola do semeador.

24 - quinta: Ex 19,1-2,9-11,16-20b = No Sinais, Deus fala com Moisés. Cânt.: Dn 3,52-56. Mt 13,10-17 = Por que Jesus se expressava em parábolas.

25 - sexta: São Tiago (Maior), Apóstolo. 2Cor 4,7-15 = Trazemos em nosso corpo a agonia de Jesus. Sl 125. Mt 20,20-28 = Bebereis o meu cálice.

26 - sábado: São Joaquim e Sant'Ana. Eclo 44,1,10-15 = O seu nome vive para sempre. Sl 131. Mt 13,16-17 = Muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes.



15ª semana do Tempo Comum

14 - segunda: Ex 1,8-14,22 = Opressão dos hebreus no Egito. Sl 123. Mt 10,34 — 11,1 = Desprendimento; perseverança: vim trazer a espada.

15 - terça: Ex 2,1-15a = Nascimento e fuga de Moisés. Sl



17ª semana do tempo Comum

28 - segunda: Ex 32,15-24,30-34 = Pecado de idolatria; o bezerro de ouro. Sl 18. Mt 13,31-35 = Grão de mostarda; fermento.

29 - terça: Sta. Marta 1Jo 4, 7-16 = Amemo-nos uns aos outros. Sl 33. Jo 11,19-27 = Ressurreição de Lázaro.

30 - quarta: Ex 34,29-35 = Esplendor do rosto de Moisés. Sl 98. Mt 13,44-46 = Tesouro escondido; pérola preciosa.

31 - quinta: Ex 40,16-21,34-38 = Consagração do tabernáculo: a glória do Senhor! Sl 83. Mt 13,47-53 = Parábola da rede de pesca: separação dos bons e dos maus.



Falando consigo mesmo através do outro

(Continuação)

Wimer Bottura Jr.

Quando uma pessoa internaliza muito medo da crítica de um genitor, por exemplo, tenta muitas formas de escape. Uma das maneiras inconscientes que observo com frequência se configura como uma espécie de jogo de xadrez no relacionamento com os outros, ou seja, quando uma pessoa se sente pressionada e exposta ao risco de ser "descoberta", cria uma série de estratégias para fugir ao ataque e inclui sempre mais respostas do que as necessárias para uma simples pergunta.

O pensamento interno e enroscado de defesa parece ser: "Falo tudo isso para que depois não venham me cobrar aquilo que talvez alguém pudesse pensar que eu poderia ter feito". Complicado, não? Como num jogo de xadrez mesmo, a pessoa prepara uma defesa para dali a uns dez lances, e não se dá conta que está jogando sozinha, pois seu parceiro já saiu do tabuleiro há muito tempo ou nem sequer chegou a pensar em jogar.

Todas as trocas, ou tentativas de trocas entre pessoas, envolvem emoções e sentimentos de maior ou menor intensidade. As de maior intensidade são geralmente notadas até pelas pessoas menos sensíveis, porém as de menor intensidade são absorvidas sem consciência e por isso se transformam em agressões silenciosas. A repetição nas mais diversas relações geram os microtraumas, pouco visíveis e causadores de danos às vezes incorrigíveis na vida das pessoas.

De uma simples palavra, ao maior trauma, sempre haverá um procedimento do corpo humano, uma resposta bioquímica: um emaranhado de substâncias e alterações funcionais de ór-

gãos, glândulas, músculos. Enquanto um macrotrauma produz uma aberrante cadeia química, processa manifestações corporais notáveis e determina mudanças nas relações, os microtraumas produzem reações imperceptíveis. Se os macrotraumas nos dão o direito explícito de defesa, os microtraumas nos fazem silenciar. Podemos até associar os macrotraumas aos ferozes ataques de cachorros e os microtraumas aos ataques de microscópicos vírus. Seguramente os vírus matam mais que os cachorros. Pior, os vírus não latem.

Voltando à história do jogo de xadrez, o jogador que tergiversa em seus lances

Todas as trocas, ou tentativas de trocas entre pessoas, envolvem emoções e sentimentos de maior ou menor intensidade. As de maior intensidade são geralmente notadas até pelas pessoas menos sensíveis, porém as de menor são absorvidas sem consciência, transformam-se em agressões silenciosas.

de defesa estará lançando vírus na comunicação que atingirão seu parceiro em cheio. Se, na prática, esta relação for repetitiva, constante e fechada dentro de um sistema, como na família, por exemplo, a quantidade imperceptível de vírus contaminará a todos e causará sérios danos, começando pelo campo afetivo-emocional. Estas relações poderão resultar apenas numa perda energética, como ocorre com Bety, poderão resultar numa psicose, como no caso do personagem em "Gente como a gente", num câncer como em "Laços de ternura", ou numa tentativa de suicídio em *O príncipe das marés* — aliás, filmes que recomendo serem assistidos.

Nem sempre precisamos de uma outra pessoa para encontrarmos a nós mesmos. Tem gente que usa o nome de Deus, outras manifestações religiosas ou relacionamentos potencialmente insatisfatórios, para conversar consigo mesmo. Utilizando-se, de forma estereotipada, de uma linguagem e um comportamento fanáticos para não se olharem diretamente, as pessoas também podem exercer o fanatismo na psicanálise, na neurolinguística ou até no esporte: vivem intensamente uma dessas situações, ou passam por várias delas, como se estivessem ganhando tempo à espera de algo mágico que viesse solucionar seu sofrimento disfarçado.

Vilma e Henrique formam um casal deste tipo, cheios de dificuldades sexuais e pessoais, vítimas de uma educação repressiva e cheia de culpas, com uma autoconfiança bastante rebaixada. Por isto tudo, acreditam não ter condições de resolver suas dificuldades, preferindo então não olhar para elas. O único jeito que acharam para isto foi >>>



Foto: Arquivo

Entrada Salada de abobrinha

Ingredientes:

Abobrinhas, molho para qualquer tipo de salada.

Modo de preparar:

1. Cozinhe as abobrinhas sem deixá-las amolecer demais.
2. Corte-as como desejar e tempere a seu gosto.
3. Na hora de servir, enfeite à vontade.

Prato principal

Costeletas de porco

Ingredientes:

Costeletas de porco

Caldo de limão, sal, alho, cheiro-verde, pimenta-do-reino e óleo

Molho (limão, salsa picada, cebola em rodellas, pimenta).

Modo de preparar:

1. Corte as costeletas de porco em pedaços de mais ou menos quatro dedos.
2. Tempere-as com caldo de limão, sal, alho, cheiro verde e pimenta-do-reino, deixando-as descansar nesse tempo durante, pelo menos, uma hora.
3. Leve ao fogo numa frigideira com óleo e, quando estiver quente, frite nele as costeletas, de um lado e do outro, até ficarem bem coradas.
4. Sirva-as com o molho, acima indicado, e arroz branco.



Sobremesa

Bom-bocado de milho verde

Ingredientes:

- 6 espigas de milho verde
- 1 xícara/chá de água
- 1 lata de leite condensado
- 3 ovos
- 2 colheres/sopa de manteiga ou margarina
- 3 colheres/sopa de farinha de trigo

Modo de preparar:

1. Rale as espigas de milho (raspe bem os sabugos para melhor aproveitamento, junte a água e passe pela peneira).
2. Acrescente o restante dos ingredientes e bata no liquidificador.
3. Despeje em assadeira número um, untada e polvilhada com canela em pó.
4. Asse em banho-maria, em forno médio (175°), por quarenta minutos.
5. Depois de frio, corte em quadrinhos e coloque-os em forminhas de papel. Querendo, polvilhe açúcar e canela sobre o bom-bocado assim que o retirar do forno.

>>> desenvolver um fanatismo político partidário. Passam todo o seu tempo envolvidos com as bases eleitorais, prestando assistência às pessoas, articulando ora a candidatura de um primo, ora a candidatura de um amigo do primo e assim por diante.

O tempo de que dispõem para estar juntos com intimidade, conversando e assistindo os filhos é mínimo. Quando chegam em casa à noite, estão extremamente cansados, tendo bons descul-

pas racionais para não falarem de si e entre si, muito menos para fazer sexo.

Vilma é obesa e hipertensa. Henrique é fumante, diabético, hipertenso e obeso. Os filhos são obesos, hipercompromissados, frustrados e problemáticos. São literalmente proibidos de serem jovens comuns, pois poderão denegrir a imagem dos pais: filhos de pais deste tipo não podem "ter problemas", como gostar de ser jovem; precisam parecer adultos e responsáveis sempre e antes da hora.

Qualquer pessoa que ousar fazer um comentário sobre esta família será considerada leviana, pois trata-se de um grupo de pessoas simpáticas e queridas pela sua roda de amigos, incapazes de fazer mal a uma mosca. Frequentadores assíduos das cerimônias religiosas, das festas cívicas, das reuniões sociais, são elogiados e aceitos por todos.

(Continua.)

Wimer Bottura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro *Agressões silenciosas*, Ed. O.L.M., SP.

ACREDITAR QUE SOMOS CAPAZES







MINHAS MEMÓRIAS

Sim, é verdade... bom amigo... hoje, descobri que há tantas coisas de que me recordo... coisas tão boas, das quais algumas me foram ensinadas, há tanto tempo... e por pessoas tão maravilhosas... pessoas até mesmo

adoentadas ou idosas, ou deficientes... pessoas que não se deixaram abater pelos problemas e se permitiram ensinar lições de amor e esperança!

É claro... porque, para isto, basta-nos ter o coração aberto e, o que é mais importante, a sabedoria de perceber que de nada nos vale saber tanto se não passamos adiante o que aprendemos.

E a melhor hora para isto é agora . É assim que a vida vai-nos encher da alegria de viver!

Ariel

Mensagens pela paz

A mensagem de hoje foi-nos enviada por

Josemir Claro

Qual é a paz que eu quero?
Todos detestamos a guerra e somos partidários da paz.

Mas uma coisa é ser partidário da paz e outra é ser construtor da paz, ser um difusor da paz. Veremos a paz no mundo, mas será impossível implantá-la no mundo se em nosso coração não estiver um broto de paz.

Tenha um coração manso e generoso, calmo e humilde para agüentar as conseqüências e vantagens que o mundo nos oferece.

ENVIE **VOCÊ TAMBÉM** SUA MENSAGEM DE PAZ OU QUALQUER OUTRO TEMA PARA A **TURMA DA MAÍRA** NO ENDEREÇO, ABAIXO.



MINHA CIDADE

Olá, amiguinhos!
Meu nome é Rosemeire Barbosa.. Moro numa cidade muito bonita: Bom Jesus de Pirapora..



Aqui, chegam todos os anos, muitos romeiros, que vêm

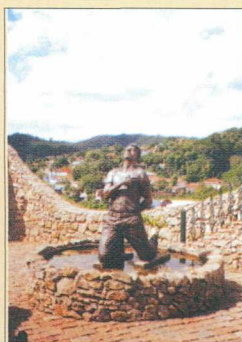
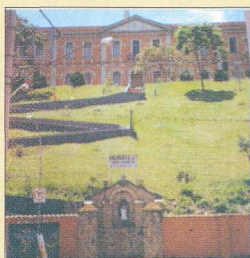
visitar ou pagar promessas ao nosso santo padroeiro. Eles chegam em belos cavalos bem enfeitados e bem cuidados!

Temos na cidade alguns belos monumentos e bonitas praças, além de muito verde e gente hospitaleira!

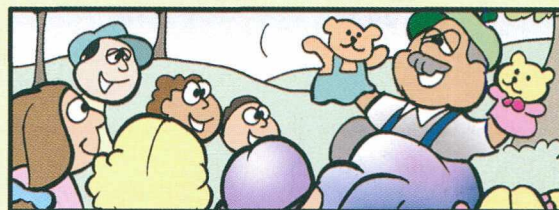
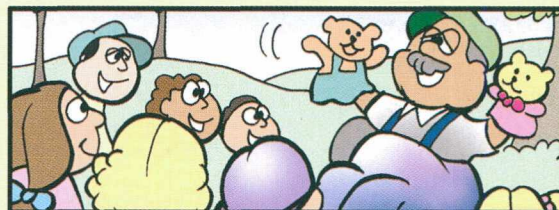
Nossa cidade é cortada pelo grande rio Tietê, que segue também em direção a Salto e outras cidades, ficando cada vez mais limpo.

Quando você vier conhecer Pirapora, não esqueça de visitar o Museu do Seminário, que guarda

inúmeras atrações como aves e animais da região empalhados, além de fotos e antiguidades!



SETE ERROS ENCONTRE SETE DIFERENÇAS ENTRE AS DUAS CENAS!



PARTICIPE VOCÊ TAMBÉM!

Turma da Maíra

R. Santo Estêvão n° 300, casa 11
Aldeia de Barueri - Barueri
CEP: 06440-190 - SP - Br

E-mail: ecoiris@ig.com.br



Para você, Assinante!

Em tempos de guerra, a PAZ a partir do diálogo entre as religiões!

O livro “LATINO-AMERICANA-MUNDIAL 2003” (agenda)

(O tema desse livro: A paz entre as religiões, para a paz do mundo. São páginas escritas por mais de 40 autores mundialmente conhecidos que apontam caminhos para esse diálogo. Mais de 100 mil exemplares vendidos no mundo em 7 línguas.)

Basta renovar SUA ASSINATURA, por mais um ano, e conseguir apenas UMA ASSINATURA NOVA.

- Veja como é fácil:
- Junte o valor da RENOVAÇÃO de sua assinatura por mais 1 (um) ano (R\$ 25,00) ao valor da ASSINATURA NOVA de um amigo ou parente seu (R\$ 25,00).
- Mande o total: R\$ 50,00, com os cupons abaixo, devidamente preenchidos, para:

**Revista Ave Maria – Agenda LA 2003
Rua Martim Francisco, 636 – 5º andar
CEP 01 226-000 São Paulo, SP**

 **Faça o cheque nominal à “Ação Social Claretiana”**

- **Outras formas de pagamento ou mais informações:
Ligue grátis 0800-555-021**

A Para renovar minha assinatura. Meu código de assinante:

Nome completo:

Endereço:

..... Cidade: Est:

CEP: _____ Telefone: (.....)

Assinatura Data: / /

B A nova assinatura da Revista Ave Maria é para:

Nome completo:

Endereço:

..... Cidade: Est:

CEP: _____ Telefone: (.....)

AVE MARIA
REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
TELS. (11) 3666-2128 / 3823-1060
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

Impresso Especial
5406/2001 DR/SPM
Ave Maria
CORREIOS